

Francisco de Assis

Um itinerário de conversão e vivência do amor



Autora

Dirce Margarida Limberger

Organizadora

Liliane Alves Pereira

No contexto deste oitavo centenário do *Memoriale propositi* (Regra antiga), a obra de Ir. Dirce Margarida Limberger é, particularmente, importante para evidenciar a espiritualidade e a missão evangélica da Terceira Ordem Franciscana na história de hoje: seguir Cristo mais de perto, amar a Deus com entusiasmo vivo, amar o próximo como a si mesmo e a todas as criaturas, espelho da perfeição divina. Cada Instituto franciscano segue Cristo mais de perto, segundo o modelo de São Francisco de Assis. Ele se move a partir do binário espiritual de conversão contínua (penitência) e obras de misericórdia e (amor a Deus e amor ao próximo).

A autora, que aperfeiçoou os estudos na Pontifícia Universidade *Antonianum* de Roma, ilustra bem estes valores fundamentais, que são como a alma da sociedade cristã. Expressa que São Francisco de Assis, seguindo o exemplo de Cristo e inspirando-se no Evangelho, transforma a sua própria vida e realiza um intenso serviço de evangelização. A sua atividade missionária estendeu-se a horizontes sem limites, pois o santo percorreu regiões da Itália, foi à Terra Santa e ao Egito, rumo ao Norte da África. Ele, abençoado pelo Papa Inocêncio III, partiu com seus frades “rumo à evangelização do mundo” (Legenda dos Três Companheiros, 53).

Muitos freis e irmãs da Terceira Ordem continuam a missão evangelizadora de São Francisco de Assis no mundo de hoje e ajudam o próximo com iniciativas de caridade. Muitos homens e mulheres alcançaram as alturas da santidade. Em média, 416 Santos, Beatos, Servos de Deus e Veneráveis serviram na Ordem Terceira Franciscana. Santa Isabel da Hungria (1207-1231) foi uma figura ímpar, proclamada padroeira da Ordem.

Com base nessa encantadora realidade, Ir. Dirce Margarida Limberger oferece uma preciosa contribuição para partilhar uma história gloriosa e um projeto profético.

Pe. Lino Temperini, TOR

Francisco de Assis

Um itinerário de conversão e vivência do amor



Autora

Dirce Margarida Limberger

Organizadora

Liliane Alves Pereira

Universidade Franciscana - UFN
Santa Maria, RS, 2021

Autora

Dirce Margarida Limberger

Organizadora

Liliane Alves Pereira



Editora UFN

Coordenação editorial

Salette Mafalda Marchi

Capa

Gabriel Teixeira Marchiori

Projeto gráfico e supervisão gráfica

Fagner Millani

Revisão

Janette Mariano Godois

Revisão

Nilsa Teresinha Reichert Barin

Universidade Franciscana - UFN

Rua dos Andradas, 1614

Centro | Santa Maria – RS

CEP 97010-032

L733f

Limberger, Dirce Margarida

Francisco de Assis: um itinerário de conversão e vivência do amor / Dirce Margarida Limberger ; Organizadora Liliane Alves Pereira – Santa Maria : Universidade Franciscana, 2021.

104 p.

ISBN: 978-65-5852-122-8 (impresso)

1. Terceira Ordem Franciscana 2. Espiritualidade Franciscana I. Pereira, Liliane Alves II. Título

CDU 271.3

Agradecimentos

A Deus, pelo chamado à vocação religiosa na Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã – Província Imaculado Coração de Maria, Santa Maria, RS, Brasil, fundada por Madre Madalena Damen, na pequena cidade de Heythuysen, Holanda, em 1835.

Aos meus pais, Roque e Amélia Limberger, pela vida e pela fé cristã.

Aos meus irmãos e irmãs, quem amo imensamente: Élio, Flávio, Alice, Luiz, Marilene, Asta, Pedro, Queomar e Jair.

À Ir. Anísia Schneider, ex-ministra geral da Congregação, de saudosa memória, pela oportunidade de realizar o curso de Espiritualidade Franciscana, pelo encorajamento, incentivo e apoio constante.

Ao Professor Pe. Lino Temperini, orientador da pesquisa, pela atenção, disponibilidade e preciosa contribuição na realização desta atividade.

À Pontifícia Universidade *Antonianum* – Curso de Espiritualidade Franciscana, na pessoa do Frei Paulo Martinelli, diretor do curso, e aos professores das diferentes disciplinas, pelos conhecimentos, doação e testemunho de simplicidade franciscana.

À Ir. Liliane Alves Pereira, pela revisão do material, pelo acompanhamento, pela assistência técnica e organização do livro.

À Universidade Franciscana - UFN, representada por sua Reitora, Ir. Iraní Rupolo, e pela Pró-reitora de Administração, Ir. Inacir Pederiva, pelo apoio na publicação e impressão do livro.

Às demais pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que este livro se tornasse uma realidade. A você, caro leitor, gratidão pelo interesse no tema e em seu respectivo aprofundamento.

Enfim, imensa gratidão e louvor ao Deus bom e providente, pelas bênçãos, graças e inspirações recebidas na realização desta obra.

Ir. Dirce Margarida Limberger





Hino à Caridade

1Cor 13,1-9.13



Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e dos anjos, se eu não tivesse o amor, seria como o sino ruidoso ou como címbalo estridente.

Ainda que eu vivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência; ainda que eu vivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não vivesse o amor, eu não seria nada.

Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que eu entregasse o meu corpo às chamas, se não vivesse o amor, nada disso me adiantaria.

O amor é paciente, o amor é prestativo; não é invejoso, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor.

Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade.

Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor jamais passará. As profecias desaparecerão, as línguas cessarão, a ciência também desaparecerá.

Pois o nosso conhecimento é limitado; limitada é também a nossa profecia. [...].

Agora, portanto, permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor. A maior delas, porém, é o amor!





Abreviações e siglas



| | |
|-------------|--|
| Am | Amós |
| AP | Anônimo Perusino |
| AT | Antigo Testamento |
| At | Atos dos Apóstolos |
| CA | Compilação de Assis (= Legenda Perusina) |
| 1Cel | Primeira Vida, de Tomás de Celano |
| 2Cel | Segunda Vida, de Tomás de Celano |
| LTC | Legenda dos três companheiros |
| 1Cor | 1ª carta aos Coríntios |
| 2Cor | 2ª carta aos Coríntios |
| Dt | Deuteronômio |
| Ez | Ezequiel |
| FF | Fontes Franciscanas |
| Gl | Carta aos Gálatas |
| Jr | Jeremias |
| Jo | João |
| 1Jo | 1ª carta de São João |
| 1Fi | Carta aos Fiéis (1ª Recensão) |
| 2Fi | Carta aos Fiéis (2ª Recensão) |
| Is | Isaías |
| Lc | Lucas |
| LM | Legenda Maior de São Boaventura |
| Lv | Levítico |
| Mc | Marcos |
| MI | Malaquias |
| Mt | Mateus |
| NT | Novo Testamento |
| OFS | Ordem Franciscana Secular (depois de 1978) |



| | |
|----------------|---|
| Os | Oséias |
| RA | Regra Antiga ou <i>Memoriale propositi</i> (1221) para a Ordem dos Penitentes |
| RB | Regra Bulada (1223) para a Ordem dos Frades Menores |
| Rm | Carta aos Romanos |
| Rp | Regra de Nicolau IV (atualizada e aprovada em 1289) |
| SI | Salmos |
| 1Sm | 1º livro de Samuel |
| 1 e 2EP | Espelho da Perfeição |
| TestC | Testamento de Santa Clara de Assis |
| 2Test | Testamento (1226) |
| TOF | Terceira Ordem Franciscana (TOS e TOR até 1323) |
| TOR | Terceira Ordem Regular (a partir de 1323) |
| TOS | Terceira Ordem Secular (de 1323 a 1978) |
| Zc | Zacarias |





Sumário



| | |
|--|----|
| Apresentação | 14 |
| Prefácio | 16 |
| Introdução | 20 |
| CAPÍTULO I | |
| Penitência e Caridade | 22 |
| 1.1 O SIGNIFICADO DOS TERMOS PENITÊNCIA E CARIDADE | 23 |
| 1.2 O MOVIMENTO PENITENCIAL ANTES DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS | 38 |
| 1.3 FRANCISCO DE ASSIS VIVEU E PREGOU A PENITÊNCIA | 41 |
| CAPÍTULO II | |
| A Terceira Ordem Franciscana | 46 |
| 2.1 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA TERCEIRA ORDEM FRANCISCANA | 47 |
| 2.2 DOIS RAMOS AUTÔNOMOS NA ÁRVORE DOS PENITENTES: TOR E TOS (HOJE OFS) | 62 |
| 2.3 A PENITÊNCIA E A CARIDADE NA REGRA E VIDA DA TOR - 1982 | 66 |



| | |
|---|-----|
| CAPÍTULO III | |
| Espiritualidade Penitencial e Caritativa | 70 |
| 3.1 ESPIRITUALIDADE: UM CAMINHO AO ENCONTRO DO DIVINO | 71 |
| 3.2 A ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA | 73 |
| 3.3 ESPIRITUALIDADE DOS PENITENTES FRANCISCANOS | 74 |
| 3.4 A DIMENSÃO OPERATIVA/CARITATIVA DA TOR E OFS | 76 |
| 3.5 POBREZA EVANGÉLICA E CARIDADE (do ponto de vista da TOF) | 78 |
| CAPÍTULO IV | |
| Um Exemplo de Conversão e Vivência do Amor | 84 |
| 4.1 SÍNTESE HISTÓRICA | 85 |
| 4.2 PENITENTE FRANCISCANA | 92 |
| Considerações Finais | 99 |
| Referências Bibliográficas | 101 |





Apresentação



É com imensa alegria que apresentamos ao público franciscano e a todos os interessados pelo tema o livro *Francisco de Assis: um itinerário de conversão e vivência do amor*, fruto de estudo e pesquisa realizados na Itália, terra de origem do santo de Assis, fundador do movimento franciscano.

Com este livro, desejamos oferecer aos leitores, por meio de informações específicas sobre a Terceira Ordem Franciscana, tanto regular quanto secular, um texto que passeie pela história, recupera a origem e chega aos nossos dias. A Terceira Ordem Franciscana, inicialmente fundada para pessoas leigas, sedentas de viver o espírito de Francisco de Assis, tornou-se a origem e o berço de muitas congregações religiosas franciscanas, femininas e masculinas, hoje dispersas no mundo inteiro.

É de suma importância que, enquanto leitores deste texto, entendamos a riqueza do movimento franciscano, fundado por Francisco de Assis, no período Medieval, cujas raízes encontram-se em um passado bem mais remoto, no mundo Bíblico, passando pelos primórdios da Igreja e do movimento penitencial antes de Francisco. Isso serviu de base para a espiritualidade franciscana, especialmente no que tange à mudança constante de vida e à vivência no amor.

Com a leitura da presente obra, auxiliamos na compreensão da espiritualidade franciscana, dos valores e aspectos específicos da Terceira Ordem Franciscana, diferentes da Primeira e Segunda Ordem. Ao mesmo tempo, recuperamos pontos comuns entre as diferentes Ordens da Família Franciscana, o que confirma a dimensão de unicidade dada por Francisco de Assis, sem, contudo, pensar em uniformidade.

Os rodapés do livro, escritos em língua italiana, mantêm o original e facilitam, por conta disso, pesquisa posterior ou complementar. Com este

livro, sem dúvida, existe uma possibilidade de conhecer o mundo comum e diferente da Terceira Ordem Franciscana Regular e Secular (OSF), um valioso percurso histórico, legislativo e espiritual de oitocentos anos, graças a São Francisco de Assis, cujo modo de vida é sempre atual e exemplar em nosso tempo.

O estudo, a reflexão e a discussão do conteúdo desta obra farão com que conheçamos e aprofundemos a riqueza própria da Terceira Ordem Franciscana, com um desejo genuíno. O conteúdo, portanto, será de especial ajuda às pessoas em diferentes etapas de formação franciscana, possibilitando uma visão geral. Assim, recomendamos o uso deste material na formação inicial e continuada, pela compreensão quanto aos valores não só testemunhados, mas também vividos por Francisco de Assis e como servem de resposta, no presente, às inquietações mundanas, por intermédio da Terceira Ordem Franciscana.

De posse dessas informações, podemos assegurar um conhecimento mais amplo sobre a missão da Terceira Ordem Regular e Secular no mundo, na expectativa de que sirva de estímulo à vida e ao testemunho de valores perenes no mundo atual.

A autora





Prefácio



Muito se fala e se escreve sobre a espiritualidade Franciscana, seja pela capacidade integradora seja pelo caminho crescente de irmandade no qual todos os seres são irmãos.

Esses dois fatores, provenientes dos escritos franciscanos, fizeram com que todos aqueles e aquelas que, de algum modo, vivenciam, na forma de vida, a espiritualidade do Santo de Assis possam sinalizar, no aqui e agora, itinerários possíveis do que é ser um franciscano ou uma franciscana.

Outro fator interessante é que, para São Francisco de Assis, essa irmandade é e sempre será na perspectiva do amor. É esse amor caritativo que faz com que cada um se perceba como irmão e a nenhum é permitido viver sozinho ou andar errante pela vida. É responsabilidade de cada pessoa cuidar do outro e, sob essa ótica, vivenciar a penitência, a força motriz.

Assim, a autora desta obra, Ir. Dirce Margarida Limberger, coloca, nas mãos e no coração dos leitores, a Espiritualidade Franciscana, vista sob o prisma da Terceira Ordem Franciscana, fundada por Francisco de Assis, e, com ela, a penitência e a caridade como um caminho possível para viver e experimentar, a partir de si, a beleza do ser franciscano, independente da opção de vida que deseja trilhar.

A obra *Francisco de Assis, um itinerário de conversão e vivência do amor* traz, desde sua introdução, a densidade do que é ser de Deus e estar em Deus, pelo olhar de São Francisco de Assis. Já, no primeiro capítulo, a autora busca, no Evangelho e na tradição bíblica, conceitos teológicos do que é penitência e caridade. Há um vislumbre, já no primeiro capítulo, em que a penitência sinaliza à conversão, ou seja, a capacidade de voltar-se para Deus. Mas esse retorno só tem sentido se for com amor, pois o Deus de misericórdia é também o Deus do amor. Esse amor nasce

e renasce do coração de Deus e para Ele volta, quando o ser humano o coloca a serviço dos irmãos e das irmãs.

Para que o caminho fique mais evidente, a autora ainda traz a penitência e a caridade como especificidades da espiritualidade franciscana, e situa o leitor nos diferentes escritos franciscanos, onde as chaves de leitura desta obra podem ser encontradas. Assim, o itinerário fica mais leve e mais bonito de ser trilhado.

A capacidade de trazer para o caminho novos membros de diferentes estados de vida faz com que o itinerário franciscano aconteça por meio do acolhimento e da receptividade. Assim, é com a Terceira Ordem Franciscana (TOF). Ela não nasce depois da Primeira e da Segunda Ordem, mas da inspiração de pessoas leigas, mulheres e homens, que desejavam seguir Jesus mais de perto, do jeito de Francisco, quem dedicou tempo a esse grupo de pessoas, como se pode perceber em seus escritos. A autora chega a afirmar que “Francisco acolhe todos como dom do Senhor, propõe seus ideais de vida espiritual, torna-se animador do empenho apostólico e cristão”. Isso revela que Francisco se abre ao Espírito de Deus, e o tempo responde com ternura e vigor a quem caminha com Ele, com os Irmãos e as Irmãs.

Os diferentes autores franciscanos, citados no segundo capítulo, são uma verdadeira viagem entre os diferentes olhares provenientes de autores franciscanos, de ontem e de hoje, e reafirma, sob a ótica literária franciscana, o quanto se construíram valores, para que a TOF fosse o que ela é hoje, em autenticidade e beleza, dentro do mundo franciscano. Revela quanto esforço foi empregado para que a Terceira Ordem Franciscana pudesse se solidificar no cenário dos seguidores de São Francisco de Assis na sua originalidade.

A marca forte da Terceira Ordem Franciscana é a espiritualidade penitencial e caritativa, tema que a autora descreve com maestria no quarto capítulo. Inicialmente, faz o leitor clarificar o conceito de espiritualidade e, a partir disso, conduz a espiritualidade franciscana com os olhos no compromisso que esta traz em si mesmo.



Uma vez com os pés no caminho, os calçados a serem usados são penitenciais e caritativos. Esse estilo de caminhar tem seu fundamento no Evangelho, pois retoma a conversão/penitência e a caridade como elementos evangélico-cristãos. Aqui, a autora chega a propor um modo de ser de quem trilha esse caminho: "... seguindo a espiritualidade penitencial, os irmãos e as irmãs (OFS e TOR) têm uma visão própria da realidade terrena que olham com admiração e com desapego, são otimistas e alegres no Senhor, generosamente empenhados em testemunhar a caridade que Deus nutre pelas suas criaturas e expressa sua providência".

Novamente, é a história que vai sustentar o caminho dos terciários franciscanos de modo que, nos diferentes escritos sobre a forma de vida, segundo São Francisco e simpatizantes da espiritualidade franciscana, percebe-se a presença e a beleza da Terceira Ordem, como marca do ser integrador em São Francisco de Assis. Aproximando-se das realidades próprias do ser humano, com os olhos voltados para o Céu e os pés firmes na terra, Santa Isabel da Hungria torna-se a padroeira da Terceira Ordem Franciscana. Essa mulher colocou os pés no caminho de São Francisco e seguiu Cristo, vivendo de forma singular a conversão e o amor, de modo a deixar-se conduzir pelo Espírito no cuidado daqueles que encontrava pelo caminho.

A história de Santa Isabel da Hungria tem a afabilidade de mostrar como é possível viver o projeto de Deus de um jeito tão singular. Revela que, em meio à abundância, Deus se manifesta e pede ao ser humano a capacidade de partilhar e, em meio ao sofrimento, Ele se revela como um protetor capaz de envolver até a dor no amor oblato. Santa Isabel é exemplo e testemunho dessa vivência.

Assim, todo aquele que tiver a graça e o desafio de ter este livro em mãos firma um compromisso com a espiritualidade franciscana de adentrar no mistério da conversão e da caridade, como um ser envolto no que há de mais sagrado e mais intenso na pessoa humana, sua capacidade de amar sem reservas e de entregar-se ao projeto de amor e de serviço.

A cada um, portanto, desejo uma leitura profícua, plena de surpresas; à autora, gratidão por colocar nas mãos dos amantes da espiritualidade franciscana uma obra original e tão rica de sentido.

Prof.^a Dr. Liliane Alves Pereira
Santa Maria





Introdução



O desejo de conhecer melhor a Terceira Ordem Franciscana (TOF) levou-nos às origens do seu histórico até os nossos dias. Nascida como movimento penitencial unitário, no seguimento aos passos de Francisco de Assis, mais tarde, a TOF ramificou-se em Terceira Ordem Secular (TOS/OFS) e Terceira Ordem Regular (TOR), representadas em numerosos Institutos femininos e masculinos.

Nessa trajetória, foi dada ênfase às palavras *penitência* e *caridade*, pilares da espiritualidade da Terceira Ordem Franciscana, pois é impossível trilhar esse caminho sem orientar a direção. Para uma leitura mais produtiva, há pistas sobre como ler este livro, isto é, a leitura poderá ser sequencial ou por capítulo, conforme desejo e curiosidade do leitor. Cada um terá a liberdade de visualizar indicadores que não estão descritos aqui, pois o objetivo de um caminhante é ver luz no trajeto, principalmente em uma longa história de mais de 800 anos, como é o caso da TOF, cujo despertar foi, provavelmente, em 1211, na Itália.

No primeiro capítulo, o significado bíblico, franciscano e teológico das palavras *penitência* e *caridade*, e o movimento penitencial antes de Francisco de Assis são apresentados. O aprofundamento, conforme a ressignificação e pregação da penitência, vividas por Francisco em seu cotidiano, vem na sequência.

No segundo capítulo, está a apresentação, especificamente, da Terceira Ordem Franciscana, a partir da sua origem e do seu desenvolvimento histórico, incluindo a divisão em dois ramos autônomos: o Secular e o Regular. Enfim, há uma análise da penitência e caridade na Regra da TOR, cuja aprovação aconteceu em 1982, adotada por inúmeras Congregações, e que chega, aos nossos dias, muito atual e aplicável.

O terceiro capítulo é dedicado ao “coração” da Terceira Ordem Franciscana: a espiritualidade penitencial e caritativa. Antes de tudo, o sentimento amplo de espiritualidade; em seguida, a espiritualidade franciscana. Depois, temos uma síntese da espiritualidade dos Penitentes Franciscanos e, nesse mesmo capítulo, há ênfase particular ao aspecto operativo/caritativo dos TOS (OFS) e TOR. A pobreza evangélica terá um espaço privilegiado pela importância que teve para Francisco de Assis, reconhecendo-a, inclusive, como Dama Pobreza.

No quarto capítulo, está representado um exemplo ímpar de vivência prática e concreta da penitência e da caridade: Santa Isabel da Hungria, princesa de Turíngia, presença marcante na sociedade de seu tempo. Essa extraordinária figura feminina da Idade Média, primícias da santidade dos Penitentes Franciscanos, é, por excelência, modelo de penitência e caridade operosa. Foi a primeira mulher franciscana proclamada santa nas primeiras décadas do movimento franciscano penitencial cuja caridade é sinônimo de amor, doação e serviço. Para compreender melhor a sensibilidade humana de Isabel, em relação aos necessitados, vivida e expressa à luz do Evangelho, sua breve existência (infância, adolescência, esposa e mãe, pobre e caritativa, trânsito, canonização e culto) é examinada com base no ambiente familiar e social. A sua história humana, enquanto discípula de São Francisco de Assis, e suas múltiplas ações de misericórdia, no contexto socioeclesial da sua própria época, estão em relevante destaque.

O último capítulo dá o coroamento do estudo, de modo a revisitar as diferentes abordagens dadas ao tema da penitência e da caridade, como expressão da vivência do amor. Esse é o legado deixado por Francisco de Assis a todos os seus seguidores e, com maior relevância, à Terceira Ordem Regular e Secular. Um itinerário progressivo de um movimento religioso de duas faces, regular e secular, inspirado em Francisco de Assis, foi cuidadosamente revisitado. Sem dúvida, uma história de luta, sacrifício, doação, vitória, alegria e confiança em que, por meio do exemplo de Francisco, Jesus é a luz, o caminho, o projeto a irmanar a todos na busca constante por conversão e amor.





CAPÍTULO I

Penitência e Caridade



As palavras **Penitência** e **Caridade** assumem um significado todo especial no movimento franciscano, especialmente na Terceira Ordem Franciscana (TOF). Para conhecê-las, de forma mais significativa, voltamos ao mundo Bíblico, aos Dicionários Teológicos e ao Dicionário Franciscano.

1.1 O SIGNIFICADO DOS TERMOS PENITÊNCIA E CARIDADE

Para compreender o significado de penitência/conversão e caridade, palavras carregadas de significado para Francisco de Assis e para a Terceira Ordem Franciscana, é necessário voltar à história da salvação, à memória e vida da Igreja, à experiência evangélica de Francisco de Assis e ao movimento penitencial franciscano. É necessário compreender como a penitência e a caridade foram descritas nos livros e como foram vivenciadas na prática.

Qual é o valor, ainda hoje, dessas expressões, especialmente, no contexto da Terceira Ordem Franciscana? É necessário avaliar as condições pressupostas para responder à seguinte pergunta: Por que a penitência e a caridade são consideradas pilares para a Terceira Ordem Franciscana? Encontrar uma resposta adequada a essa pergunta e à clareza sobre o tema deste livro é, sem dúvida, um dos principais objetivos a que nos propomos.

De modo sequencial, e sem juízo de valor, será abordada a questão da *Penitência* primeiro e, posteriormente, a *Caridade*, esclarecendo que aquela exige do ser um coração afetuoso, misericordioso, enquanto esta promove a conversão ao essencial. Assim, elencam-se, além de conceitos, exemplos esclarecedores sobre ambas.

1.1.1 Penitência¹

Na versão grega do Antigo Testamento, conhecida como a dos Setenta, e no Novo Testamento, escrito em grego, a atitude subjetiva para o perdão dos pecados é expressa principalmente pelo termo *metanoia*, mas a Vulgata, geralmente, utilizava as palavras *penitência* ou *conversão*. Na pregação profética, a *metanoia* (conversão e penitência) significa

¹ *Penitenza*. In: PAZZELLI, R. **Dizionario francescano**. A cura di E. Caroli. 2. ed. Padova: [s. n.], 2002. p. 1447-1448.



“voltar a Deus” (1Sm 7,3). Inclui uma mudança de comportamento, vontade de observar, no futuro, a vontade de Deus. “Buscar a Deus” (Am 5,4) significa “procurar o bem e não o mal” (Am 5,14). Para Oséias, penitência significa a volta ao estrado anterior, isto é, à amizade com Deus (Os 3). Mais adiante, há forte insistência quanto à necessidade de uma conversão pessoal (Jr 3,10; 4,3-4) e conversão do coração (Ez 33,14-15; Ml 3, 7-8).

No Novo Testamento, João Batista retoma a pregação penitencial com seu convite à *metanoia*: “Arrependei-vos, convertei-vos, fazei penitência” (Mt 3,2). A pregação de Cristo, descrita dessa forma pelos sinóticos, acentua o valor da fé e da caridade, sublinhando o amor filial. Não havia contradição entre a *metanoia* pregada por Cristo, pelo Precursor e pelos profetas. A conversão aparece interiorizada e consiste, antes de tudo, em mudanças na maneira de avaliar as coisas (*metanoia*) e, se é sincera, comporta a adoção de um novo comportamento (frutos).

Nos apóstolos, a concepção de *metanoia* é idêntica à de Cristo: o mal, do qual é necessário afastar-se, é, sobretudo, o estado de separação de Deus e de Cristo. Paulo emprega a expressão *metanoia* e seus derivados para exprimir a conversão dos pecadores batizados. Na Bíblia, *metanoia* (penitência) indica uma constante doutrina, isto é, teocêntrica (em direção a Deus), ética (fuga do mal e prática do bem) e afetiva (amor a Deus).

Esses três elementos, em direção a Deus, na prática do bem e no amor a Deus, levam o ser humano a encontrar-se consigo mesmo nesse processo de penitência convergente, olhando para si, sem perder o olhar em Deus e em toda criatura.

1.1.2 Outros exemplos de penitência²

- “Todos pecaram e estão privados da glória de Deus, mas se tornaram justos gratuitamente pela sua graça, mediante a liberação realizada por meio de Jesus Cristo” (Rm 3, 23-24).

² LA BIBBIA di Gerusalemme. A cura di un gruppo di biblisti italiani sotto la direzione di F. VATTIONI. 17. ed. Bolonha: Edizioni Dehoniane Bologna, 2000.

- "Purifiquem-se do velho fermento, para ser massa nova, já que vocês são sem fermento. De fato, Cristo, nossa páscoa, foi imolado. Portanto, celebremos a festa, não com o velho fermento, nem com fermento de malícia e perversidade, mas com pães sem fermento, isto é, na sinceridade e na verdade" (1Cor 5,7-8).

- "Mas Deus, que é rico em misericórdia pelo grande amor com que nos amou, deu-nos a vida juntamente com Cristo, quando estávamos mortos por causa de nossas faltas. Vocês foram salvos pela graça" (Ef 2, 4-5).

A penitência, como podemos perceber nos exemplos dados, apresenta-se como compromisso salvífico de Jesus para a humanidade, dado de graça e na graça, mas solicita ao ser humano essa consciência também comprometedora, para perceber o preço do resgate de sua vida e de sua doação.

1.1.3 Batismo penitencial do Batista

- "E foi assim que João Batista apareceu no deserto, pregando um batismo de conversão para o perdão dos pecados. Toda a região da Judeia e todos os moradores de Jerusalém iam ao encontro de João. Confessavam os pecados, e João os batizava no rio Jordão" (Mc 1,4-5).

1.1.4 Crítica aos rituais privados de vida e de coerência prática pelos profetas

- "Rasguem o coração, e não as roupas! Voltem para Javé, o Deus de vocês, pois ele é piedade e compaixão, lento para a cólera e cheio de amor, e se arrepende das ameaças" (Jl 2, 13).

- "Diga a todo o povo da terra e também aos sacerdotes: Quando vocês, durante setenta anos, jejuaram e bateram no peito a cada quinto mês e cada sétimo mês, por acaso foi para mim que vocês jejuaram? Assim diz Javé dos exércitos: Façam julgamento verdadeiro, e cada qual trate com amor e compaixão o seu irmão. Não oprimam a viúva e o órfão,



o estrangeiro e o pobre; e ninguém fique, em seu coração, tramando o mal contra o seu irmão” (Zc 7, 5.9-10).

Essa ênfase dada pelos profetas retoma o tema *penitência* como uma doutrina em que é necessário voltar-se a Deus e, ao mesmo tempo, praticar o bem. Só assim há sentido na conversão penitencial.

1.1.5 A penitência como virtude³

A virtude da penitência, segundo Karl Rahner, é a justa conduta que o homem, sustentado pela graça de Cristo, mantém diante do próprio pecado e do pecado em geral. O ato central é o arrependimento, ou seja, a *metanoia*. A pessoa se converte do seu passado do qual “experimenta dor” e torna a aceitar a ordem divina. O ser humano se dispõe a acolher, com docilidade, a palavra reveladora de Deus, confiando na graça divina, cumprindo obras de penitência, como vigília, jejum, esmola, vontade de receber o sacramento do perdão. A penitência implica o reconhecimento da pluralidade dos atos, como obras penitenciais externas e internas, fé e amor, satisfação, antecipação do futuro “proposto”. A penitência, conforme Temperini (2001), tem dois sentidos⁴, que exigem do ser humano um olhar aguçado e um coração disposto.

1.1.6 Sentido restrito

Na mentalidade comum e nas línguas modernas, “penitência” indica as expressões externas de conversão do coração: mortificações, jejum, flagelações, obras compensatórias para pagar as dívidas das culpas. No decorrer dos séculos, essa semântica foi amadurecendo e as obras externas passaram a ter sentido somente se forem expressão de uma realidade interior.

³ *Virtute*. In: RAHNER, K.; VOLGRIMLER, H. **Dizionario di teologia**. Edizione italiana a cura di G. Ghiberti e G. Ferretti. Roma: [s. n.], 1968. p. 494-495.

⁴ TEMPERINI, L. **Siamo penitenti di Assisi**: dal movimento penitenziale all’esperienza francescana. 7. ed. Roma: [s. n.], 2001. p. 77-78.

1.1.7 Sentido abrangente

A verdadeira penitência indica uma atitude/postura vital de íntima conversão ao Deus-Amor, uma opção fundamental e preferencial, envolvendo a pessoa toda: mente e coração (corpo e espírito). A vida de penitência é um empenho contínuo e alegre de realizar a plena conversão ao Deus vivo, mediante a configuração a Cristo, “vida” do peregrino. A *metanoia*/penitência é uma virtude fundamental na índole da vida cristã e é estreitamente ligada à caridade, alma qualificada de todas as virtudes.

1.1.8 Essência da conversão (penitência)⁵

Segundo a mentalidade do século XII, conversão significava a fuga do mundo e o ingresso na vida monástica. São Bernardo disse que o conhecimento de si se expande no amor carnal, “social”, isto é, amor e solidariedade para com o próximo, tendo Cristo como modelo de compaixão. A conversão, como experiência que parte da solidariedade com os irmãos sofridos, por meio da contemplação da Paixão de Cristo, chega à adoração do Amor transcendente, o Verbo, princípio fundamental da sabedoria de onde emana o sentido da vida nova.

Os primeiros biógrafos franciscanos destacam o caráter de conversão, considerado aspecto de íntima relação com Deus. Para Francisco, a Conversão significa “fazer penitência”, mudar o amargo, ao ver os leprosos, em doçura de alma e corpo. Francisco tinha esse conhecimento muito claro: “Foi assim que o Senhor concedeu a mim, frei Francisco, iniciar uma vida de penitência” (Test 1).

1.1.9 Exortação profética à conversão

A conversão, conforme podemos atestar nos exemplos a seguir, tem sentido de penitência, de abandono dos ídolos e de busca d’Aquele que é

⁵ *Conversione*. In: GUY BOUGEROL, J. **Dizionario francescano**. Padova: [s. n.], 1995. p. 270.



capaz de fazer o ser humano ser filho de Deus, fazer do ser humano um participante na obra da salvação.

- "Israel, converta-se para Javé, seu Deus, pois você tropeçou na sua própria culpa" (Os 14,2).

- "Filhos de Israel, convertam-se a ele desde o fundo da rebeldia de vocês. Naquele dia, ninguém mais vai querer saber dos ídolos de prata ou de ouro que suas mãos pecaminosas fabricaram" (Is 31, 6-7).

1.1.10 Condições indispensáveis para o retorno à Terra

- "Então você se converterá de todo o seu coração e de toda a sua alma para Javé seu Deus; você e seus filhos obedecerão a ele, conforme eu lhe ordeno hoje. Então, Javé, seu Deus, se compadecerá de você e mudará a sua sorte. Javé, seu Deus, voltará atrás e reunirá você de todos os povos, entre os quais ele o havia espalhado. Javé, seu Deus, fará prosperar as iniciativas suas, o fruto do seu ventre, o fruto dos seus animais e o fruto do seu solo. Porque Javé voltará a ter prazer com a sua felicidade, assim como tinha prazer com a felicidade de seus antepassados. A condição, porém, é que você obedeça a Javé, seu Deus, observando-lhe os mandamentos e estatutos escritos neste livro da Lei, e que você se converta de todo o coração e com toda a alma para Javé, seu Deus" (Dt 30,2-3.9-10).

Nessa passagem, Deus é misericórdia, amor, perdão, desde que, do coração da criatura, emane o amor capaz de refazer a aliança com o Criador e, nessa condição, cabe ao ser humano o princípio da obediência, sinônimo de conversão ou penitência.

1.1.11 Pedido de Jesus em vista do Reino

- "O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia" (Mc 1, 15).

- "Daí em diante, Jesus começou a pregar, dizendo: 'Convertam-se, porque o Reino do Céu está próximo'" (Mt 4,17).

1.1.12 Chamar à conversão é tarefa e missão de Cristo

- “Eu não vim para chamar justos, e sim pecadores para o arrependimento” (Lc 5,32).

1.1.13 Alegria divina pela conversão dos pecadores

- “E eu lhes declamo: assim, haverá no céu mais alegria por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão. E eu lhes declaro: os anjos de Deus sentem a mesma alegria por um só pecador que se converte” (Lc 15,7.10).

1.1.14 Apelo à conversão pelos apóstolos

E Pedro disse:

- “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos pecados; depois vocês receberão do Pai o dom do Espírito santo” (At 2,38).

- “Portanto, arrependam-se e convertam-se para que os pecados de vocês sejam perdoados” (At 3, 19).

1.1.15 Alegre anúncio do dom da conversão

- “E no seu nome serão anunciados a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém” (Lc 24,47).

- “Após ter ressuscitado o seu servo, Deus o enviou em primeiro lugar a vocês, para abençoá-los e para que cada um se converta de suas maldades” (At 3,26).

- “Ao ouvir isso, os fiéis de origem judaica se acalmaram e glorificaram a Deus, dizendo: ‘Também, aos pagãos, Deus concedeu a conversão que leva para a vida’” (At 11,18).

Dos profetas aos apóstolos, a conversão será sempre a justa medida daqueles e daquelas que buscam a plenitude do Reino de Deus. Foi e será assim o anúncio de Jesus que pede à humanidade apenas que se converta para e pelo amor. Esse apelo à conversão amorosa e sacrificial de Jesus



aos seus seguidores não é sinônimo de sofrimento, mas de penitência alegre e despreziosa, alguém que compreendeu que o seu ser e fazer só têm sentido se for para o bem, para o amor e para a opção sempre renovada em Cristo.

- "Jesus declara que não veio para fazer a sua vontade, mas a vontade d'Aquele que o enviou" (Jo 6,38).

1.1.16 A conversão⁶ (*metanoia*)

Chama-se conversão todo tipo de mudança religiosa ou moral, sobretudo, o abandonar-se totalmente a Deus e à sua graça, em radical e fundamental ato religioso. Enfim, por extensão, pode significar o ingresso em uma Ordem religiosa.

1.1.17 A caridade⁷

Os termos amor, benevolência, amizade e caridade geralmente são equivalentes. O vocábulo amor é o mais sugestivo na linguagem de Francisco e dos primeiros biógrafos e aparece mais caracteristicamente na longa tradição franciscana. Além do mais, o termo parece responder melhor à sensibilidade do ser humano de hoje. Se o amor, pois, é mútuo e fundado na recíproca benevolência, recebe, comumente, o nome de amizade. Quando a palavra amor é empregada no sentido de caridade, tem o nome de dileção. Na pessoa, o amor é uma relação que se estabelece entre um bem capaz de aperfeiçoar o ser humano imperfeito em sua natureza e a tendência do próprio ser humano carente de perfeição.

O mais intenso amor do ser humano deve se orientar para Deus, celebrar a suma perfeição de Deus e, conseqüentemente, ser enriquecido pelo encontro com Ele. Deus, o sumo bem, irradia na criação e,

⁶ *Conversione*: In: RAHNER, K.; VORGRIMMER, H. **Dizionario di Teologia**. Edizione italiana. A cura di G. Ghiberti e G. Ferretti; traduzione di G. Ferretti; A. Frioli; G. Ghiberti. Roma: [s. n.], 1968. p. 141.

⁷ TEMPERINI, L. **Dizionario Francescano**. Padova: [s. n.], 1995. p. 67-75.

sobretudo, no ser humano, feito à sua imagem e chamado à vida eterna. Precisamos amar a Deus também nas criaturas, mas, de modo particular, no próximo. É um amor único voltado para Deus e para a humanidade. O amor sobrenatural é uma relação interpessoal entre Deus e a pessoa. A sua origem, como virtude teologal, vem de Deus: é uma realidade criada, um âmbito sobrenatural, infuso na alma e, mais precisamente, na vontade tornada capaz de amar, antes de tudo, a Deus por si mesmo e sobre todas as coisas, depois a nós mesmos e ao próximo. No amor, o ser humano se abre para Deus. Em Deus, só pode haver lugar ao amor de benevolência que tende, exclusivamente, ao dom. “Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos Deus, mas Ele é quem nos amou e nos enviou seu Filho...” (1Jo 4,10).

1.1.18 O amor-caridade no Franciscanismo

No pensamento franciscano, o amor encontrou um lugar de singular relevância (filosofia, teologia, espiritualidade), inspirado na experiência mística de Francisco, e alcançou desenvolvimentos imprevisíveis nos mestres posteriores. Com base na corrente platônico-agostiniana, os autores franciscanos, como Boaventura e Duns Scotus, elaboraram uma doutrina que pode ser esquematizada da seguinte maneira: Deus é o sumo bem e, conseqüentemente, o sumo amor, que se comunica necessariamente na vida intratrinitária (eterna) e livremente para fora (temporal) (NÚNEZ, 2016). O “Filho amado” (Mt 3,17) é o mais autêntico intérprete da criação. No “Filho predileto”, o Pai nos destinou, conforme sua benevolência, a sermos santos no amor (Ef 1,4-6).

A vida de Francisco é uma atitude de amor, um modo todo pessoal e carismático, de ver e de fazer. Segundo São Boaventura, Francisco era “o homem pleno de Deus” (LM 13, 2), deixava-se envolver pelas chamas da caridade, que se expandiam como fogo inextinguível, pelo qual ele se torna “todo absorto no amor de Deus” (EP113). As fontes históricas afirmam que os primeiros franciscanos “eram unânimes em amar a Deus e ao



próximo" (CA 75) e "tanto ardia neles o fogo da caridade, que teriam de bom grado dado a vida uns pelos outros..." (AP 25). Eles eram "maduros na caridade" (LTC 42) e "transfigurados pela caridade" (AP 26).

Contagiada por Francisco e pelos companheiros da primeira hora, também Clara mostrava-se "ardente e entusiasmada no amor de Deus" (1Cel 18). Em seu testamento, ela escreveu: "E amando-vos umas às outras com a caridade de Cristo, demonstram externamente, por meio das boas obras, o amor que tendes no coração, para que, provocadas por este exemplo, as Irmãs cresçam sempre no amor de Deus e na mútua caridade" (TestC 59-60). Enfim, também os primeiros Penitentes Franciscanos reuniram muito patrimônio de caridade e fizeram dele a alma de sua conversão. No espírito do Pobrezinho, que tinha aberto o coração a tantos necessitados, os "Irmãos e as Irmãs da penitência" se entregaram, com entusiasmo, ao exercício da caridade ativa, sem descuidarem, no entanto, do amor pela contemplação.

Duns Scotus e Boaventura consideraram o amor ou a caridade como elemento específico da espiritualidade franciscana, ao passo que outros deram maior relevância à pobreza ou à vida evangélica. Embora a questão seja complexa, é certo que o amor se apresenta como alma da espiritualidade franciscana. Em outras palavras, o amor, na teologia franciscana, assume uma estrutura em que parte dele se inspira na tradição, e a outra parte, no que é recente, tanto em seu esquema como em alguns aspectos de seu conteúdo. Enfim, a doutrina seráfica sobre o amor pode ser sintetizada no seguinte esquema: o amor de Deus pela humanidade e pelo mundo (criado); amor da humanidade por Deus; amor das pessoas entre si; amor das pessoas para com as criaturas.

1.1.19 A Caridade

O Deus do amor se manifesta na caridade, conforme o exemplo:

- "Ademais, irmãos, fiquem alegres. Procurem a perfeição e animem-se. Tenham os mesmos sentimentos, vivam na paz e o Deus do amor e da paz

estará com vocês. Que a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vocês” (2Cor 13, 11.13).

1.1.20 Amor, vínculo que une o Pai, o Cristo e o crente

- “Amados, amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus. E todo aquele que ama, nasceu de Deus e conhece Deus. Quem não ama não conhece Deus, porque Deus é amor. Nisto se tornou visível o amor de Deus entre nós: Deus enviou o seu Filho único a este mundo, para dar-nos a vida por meio dele. E o amor consiste no seguinte: não fomos nós que amamos Deus, mas foi ele que nos amou, e nos enviou o seu Filho como vítima expiatória por nossos pecados” (1Jo 4,7-10).

1.1.21 Amor fraterno, amor ao próximo

- “Não seja vingativo, nem guarde rancor contra seus concidadãos. Ame o seu próximo como a si mesmo. Eu sou Javé” (Lv 19, 18). Nessa passagem, é clara a concepção de que amar o próximo, em Cristo, é amá-lo como a si mesmo.

1.1.22 Amar também os inimigos.

- “Vocês ouviram o que foi dito: ‘ame o seu próximo, e odeie o seu inimigo!’ Eu, porém, lhes digo: amem os seus inimigos, e rezem por aqueles que perseguem vocês! Assim vocês se tornarão filhos do Pai que está no céu, porque ele faz o sol nascer sobre maus e bons, e a chuva cair sobre justos e injustos, pois, se vocês amam somente aqueles que os amam, que recompensa vocês terão? Os cobradores de impostos não fazem a mesma coisa? E se vocês cumprimentam somente seu irmão, o que é que vocês fazem de extraordinário? Os pagãos não fazem a mesma coisa? Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu” (Mt 5, 43-48).

- “Mas, eu digo a vocês que me escutam: amem os seus inimigos, e façam o bem aos que odeiam vocês. Desejem o bem aos que vos amaldiçoam, e rezem por aqueles que caluniam vocês. Se alguém lhe dá um tapa numa



face, ofereça também a outra; se alguém lhe toma o manto, deixe que leve também a túnica. Dê a quem lhe pede e, se alguém tira o que é de você, não peça que devolva. O que vocês desejam que outros lhes façam, também vocês devem fazer a eles” (Lc 6,27-31).

1.1.23 O amor fraterno, força que edifica

- “Mas o conhecimento envaidece; é o amor que constrói. Quando alguém julga ter alcançado o saber, é porque ainda não sabe onde está o verdadeiro conhecimento” (1Cor 8,1b-2).

1.1.24 O Amor impulsiona para o serviço fraterno

- “Irmãos, vocês foram chamados para serem livres. Que essa liberdade, porém, não se torne desculpa para vocês viverem satisfazendo os instintos egoístas. Pelo contrário, coloquem-se a serviço uns dos outros por meio do amor” (Gl 5, 13).

1.1.25 Amor, fruto do Espírito

- “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, bondade, benevolência, fidelidade, mansidão e domínio de si” (Gl 5, 22).

1.1.26 Amor, síntese dos mandamentos

- “Não fiquem devendo nada a ninguém, a não ser o amor mútuo, pois quem ama o próximo cumpriu plenamente a Lei. De fato, os mandamentos “*não cometa adultério, não mate, não roube, não cobice*”, e todos os outros, resumem-se nesta sentença: “Ame o seu próximo como a si mesmo. O amor não pratica o mal contra o próximo, pois o amor é o pleno cumprimento da Lei” (Rm 13, 8-10).

1.1.27 Amor, mandamento de Cristo

- “Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, vocês devem se amar uns aos outros” (Jo 13, 34).

- “Caríssimos, não lhes comunico um mandamento novo, mas o mandamento antigo, esse mesmo que vocês receberam desde o princípio. O mandamento antigo é a palavra que vocês ouviram. E, no entanto, o mandamento que lhes comunico é novo – pois ele é verdadeiro em Jesus e em vocês – porque as trevas já estão se afastando, e a verdadeira luz já está brilhando. Quem afirma que está na luz, mas odeia o seu irmão, ainda está nas trevas. Quem ama seu irmão permanece na luz, e nele não há ocasião de tropeço. Ao contrário, quem odeia o seu irmão está nas trevas: caminha nas trevas e não sabe aonde vai, porque as trevas lhes cegaram os olhos” (1Jo 2, 7-11).

1.1.28 Inseparável do amor a Deus

As diferentes manifestações do amor, expressas na Sagrada Escritura, são fonte de inspiração para São Francisco de Assis. Esse legado ele deixa para toda a humanidade, ensinando a seus seguidores que a regra por excelência vem do Evangelho. Isso está muito claro nos dois próximos exemplos.

- “Se alguém possui os bens deste mundo e, vendo o seu irmão em necessidade, fecha-lhe o coração, como pode o amor de Deus permanecer nele?” (1Jo 3,17).

- “Se alguém diz: ‘Eu amo Deus’ e, no entanto, odeia o seu irmão, esse tal é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê. E este é justamente o mandamento que dele recebemos: quem ama a Deus, ame também o seu irmão” (1Jo 4,20-21).

1.1.29 A caridade⁸

Agostinho se encarregou de fazer a síntese mais ampla e vigorosa entre a doutrina grega (neoplatônica) e cristã sobre o amor. Outra síntese superior, entre amor físico e amor estático, foi procurada também por Boaventura. Ele chega, assim, a um conceito bastante complexo do amor,

⁸ FRIES, H. **Dizionario teologico**. 2. ed. Brescia: [s. l.], 1968. p. 60-62. 2 v.



no qual o elemento primário é o doar-se, que implica também desejo, amizade e benevolência (In Sent. III, d.27 art. 1 q. 2 ad 6.). Consequentemente, ele deu a precedência ao amor estático, isto é, aquele que sai de si *versus* o objeto.

1.1.30 O amor pelo próximo⁹

O termo indica o amor de verdadeira benevolência pessoal, cristã, portador de salvação, possível e sustentado pela graça de Deus. O amor é a realização plena, genuína e total da pessoa espiritual, na renúncia de si e na disponibilidade do próprio ser, até onde é possível e até onde o outro é grato pelo amor que lhe é direcionado.

Os teólogos concordam com a doutrina de que o ato do amor ao próximo seja o ato da virtude teologal da caridade, participação à realização, possível pela graça e pela ação do Espírito Santo, da vida intratrinitária na qual o *Pneuma* divino é o amor personalizado de Deus. Quanto à unidade constitutiva do amor a Deus e do amor ao próximo, Jesus respondeu: "Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda sua alma e com todo o seu entendimento. Esse é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo é semelhante: ame ao seu próximo como a si mesmo. Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos" (Mt 22,37-40). "Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles, pois nisso consiste a Lei e os Profetas" (Mt 7, 12).

1.1.31 O amor ao próximo como plenitude da Lei

Os documentos da Igreja, mencionados na sequência, reiteram a essencialidade do amor e revelam as diferentes nuances que advêm de um amor sem reservas, pleno de sentido e que permite a plenificação da lei sob a perspectiva da caridade.

⁹ *Amore del prossimo*. In: RAHNER, K.; VOLGRIMLER, H. **Dizionario di teologia**. A cura di G. Ghiberti; G. Ferretti. Roma: [s. n.], 1968, p. 12-13. Edizione italiana.

1.1.32 *Lumen Gentium* (Luz dos Povos) – Constituição Dogmática

Lumen Gentium é um dos documentos mais importantes do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a Igreja. Foi promulgado pelo Papa Paulo VI, no dia 21 de novembro de 1964. Traz no seu cerne a definição de que os leigos são chamados a serem parte da Igreja, não como ouvintes, mas como membros vivos, pois sua participação perpassa a missão salvadora. Contudo, essa pertença só é possível mediante a consciência de que todo fiel deve ouvir a Palavra de Deus e cumprir, sob sua graça, a sua vontade, nutrindo os sacramentos e um serviço efetivo aos irmãos, pois a caridade é a plenitude da lei.

1.1.33 *Perfectae caritatis* – Decreto conciliar que trata da renovação da Vida Religiosa

Conforme o número oito, a vida religiosa, nas suas diferentes atividades apostólicas e de beneficência, exerce obras de caridade próprias, confiadas pela Igreja, sob ação do Espírito Santo e em união com Cristo. Cada um, de acordo com seus diferentes dons, segundo a graça que lhe foi dada, alimenta-se na caridade para com Deus e para com o próximo, certo de que a graça é diferente, mas o Espírito é o mesmo.

1.1.34 *Apostolicam actuositatem* – Decreto Conciliar sobre o apostolado dos leigos

O decreto conciliar *Apostolicam actuositatem* remete ao fato de que toda atividade apostólica deve fluir e receber a força da caridade, entendida sob a ótica do amor, que ama o próximo como a si mesmo e a Deus sobre todas as coisas. Em Jesus, o amor é ressignificado, tendo, nos irmãos, a razão do fazer. Passados os anos, o ser humano continua, na caridade e no bem ao próximo, com o propósito. Assim, onde quer que esteja o ser humano, a atividade caritativa pode e deve atingir todas as necessidades humanas.



Outro fator importante desse decreto é a descrição de que o ser humano deve ser visto sob o prisma da imagem de Deus e, por isso, tudo que estiver sob o jugo da justiça não deve ser visto como caridade, mas como um direito, fazendo com que promova a cidadania e a dignidade ao ser humano.

1.1.35 *Gaudium et spes* – Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual, Roma

O documento *Gaudium et spes* retoma a filiação divina de todo ser humano e, com isso, faz com que todos sejam irmãos, chamados a um mesmo fim, que é o próprio Deus. A Sagrada Escritura afirma que o amor de Deus não é separável do amor do irmão. Isso revela grande importância hoje, pois as pessoas tornam-se, cada vez mais, interdependentes, isto é, em busca de um mundo mais unido.

1.2 O MOVIMENTO PENITENCIAL ANTES DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS¹⁰

O *Ordo poenitentiae* (Ordem dos penitentes) teve sua origem nos primórdios da Igreja e era estreitamente ligado à disciplina penitencial ou ao sacramento da penitência. O perdão das culpas era concedido com muita restrição e com pesados encargos. O cristão que recebia o perdão devia manifestar adequadas disposições interiores e devia sobrecarregar-se de onerosas obras de expiação por um determinado período de tempo. Os crentes que não queriam colocar em risco a salvação e que pediam a reconciliação durante a vida, encontravam-se em estado penitencial, constituindo uma categoria especial, chamada *Ordo poenitentium*.

¹⁰ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle sue origine storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006, p. 11-15.

Durante o VI e VII século, difundiu-se uma nova concepção da penitência eclesiástica: o cristão podia receber o sacramento do perdão cada vez que pecasse. Para isso, devia haver disposição interior para cumprir uma longa expiação, de acordo com os elencos de pecado e as respectivas tarifas. No século IX, época carolíngia, os dois modos existentes para obtenção da reconciliação foram unificados: a penitência antiga pelas culpas graves públicas e a penitência tarifada pelas culpas graves ocultas. O IV Concílio de Latrão (1215) marcou o final da penitência tarifada e a instauração do novo regime penitencial que previa a reconciliação frequente e óperas satisfatórias limitadas. Os penitentes comuns eram ligados à prática penitencial, desenvolviam-se paralelamente e, assim que diminuía gradualmente, passavam à extinção com as novas disposições sancionadas no IV Concílio de Latrão. Durante séculos de pesquisa e de aprofundamento, a doutrina dos Padres da Igreja, as inconstantes condições sociais e a intervenção oficial dos concílios amadureceram uma “espiritualidade de conversão” constante ao Deus vivo.

O problema fundamental da salvação não era somente constituído pela fuga do pecado e da reconciliação depois da culpa. Essa dupla preocupação, que caracteriza a Igreja antiga e a medieval, mudava sua face em sintonia com a chegada de tempos diversos. O período das perseguições, em um contexto amplamente pagão, exigia o máximo de empenho e o maior testemunho coerente possível. O longo período medieval, marcado por lutas violentas durante as invasões bárbaras e a sofrida adaptação de novos povos, apresentava um *húmus* forte e resistente.

Em torno do ano mil, consolidou-se uma nova mentalidade (em nível sociopolítico-econômico estavam os municípios; em nível cultural, as universidades; em nível religioso, as reformas e os movimentos bíblico-pauperísticos, etc.), na qual estavam envolvidas pessoas individualmente e a massa popular. Todos começaram a se sentir protagonistas e responsáveis. Também sob o aspecto religioso, o homem do ano mil se sentia envolvido em primeira pessoa e se colocava diante de Deus com todo o peso da própria realidade existencial. Amadureceu a exigência quanto à



relação pessoal, não caracterizada pelo “temor e tremor”, mas tocado e transformado pelo amor. O cristão era chamado a apaixonar-se por Deus.

Esse novo clima favoreceu o entusiasmo e estimulou a iniciativa. Nasceram movimentos eclesiais, desejosos de retorno ao Evangelho e de promoção a uma vida cristã mais autêntica: viver segundo a forma do santo Evangelho e renovar a pobreza do colégio apostólico. Desaparecidos os Penitentes comuns, permaneceram os Penitentes voluntários, que progrediram graças ao desejo de maior perfeição evangélica e não propriamente para expiar as culpas, porque estavam caídos sob as proibições (coisas que os crentes não podem fazer durante o período das expiações) da disciplina penitencial. Submeteram-se voluntariamente à legislação penitencial e se empenharam por toda vida, como previsto no direito eclesiástico.

O movimento penitencial ou *Ordo poenitentiae*, no tempo de Francisco, compreendeu somente “penitentes voluntários”, homens e mulheres, animados do desejo de uma vida cristã mais empenhada, sem desvincular-se da família e da profissão (exceto atividades excluídas). A pertença à *Ordo poenitentiae* representava um estado permanente e definitivo, em tudo semelhante ao estado religioso. Foi uma situação canônica completamente diferente das modernas comunidades eclesiais.

Assim, os Penitentes voluntários associavam-se em grupos ou fraternidades e ativavam um *modus vivendi* uniforme, segundo um autêntico programa de vida ou *propositum*. Dessa forma, permaneciam no mundo, conservavam a própria profissão e escolhiam livremente alguns empenhos próprios de monges, como a castidade voluntária, jejum, mortificações diversas, intensa vida de oração, etc. De costas ao mundo das vaidades (*aversio*), dedicaram-se inteiramente a Deus (*conversio*), isto é, o cristão obtinha o perdão dos pecados como se recebesse um segundo batismo. Nesse contexto, pleno de tensões, estava a figura profética de Francisco de Assis, com sua extraordinária missão.

1.3 FRANCISCO DE ASSIS VIVEU E PREGOU A PENITÊNCIA¹¹

No Testamento, Francisco escreveu sobre o chamado do Senhor à vida de penitência: “Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência... E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que deveria viver segundo a forma do santo Evangelho”¹².

Segundo Jordano de Jano, “Francisco, comerciante por profissão, contrito de coração, inspirado pelo Espírito Santo, começou a fazer penitência, vestido com hábito de eremita”¹³. Depois de ouvir o Evangelho sobre a *missio apostolorum*, na igreja da Porciúncula, em 1209, e/ou na igreja de São Nicolau, Francisco compreendeu que não devia somente viver a penitência evangélica, mas pregar a conversão ao Senhor da vida¹⁴. Ele, então, começou a pregar a penitência¹⁵.

Após consultar o Evangelho pela terceira vez, na igreja de São Nicolau, em 1209, também os seguidores do *Poverello* adotaram o hábito penitencial que Francisco tinha assumido pouco antes, depois de abandonar aquele dos eremitas¹⁶. Esse “grupo de Penitentes de Assis” não tinha moradia fixa e viveu a itinerância apostólica anunciando, em toda parte, a paz e a penitência¹⁷. Na primavera de 1210, o papa Inocêncio III confiou ao grupo dos penitentes a missão de pregar a penitência a todos¹⁸. Como Jesus e os apóstolos, não tinham onde repousar a cabeça.

¹¹ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 15-18.

¹² *Test* 1 e 14: FF 110 e 116.

¹³ *Cronaca* 1: FF 2323.

¹⁴ *1Cel* 22: FF 356.

¹⁵ *1Cel* 23: FF 358.

¹⁶ *3Cp* 29: FF 1432.

¹⁷ *1Cel* 29: FF 366; *1Cel* 36: FF 382; *3Cp* 33: FF 1436.

¹⁸ *1Cel* 33 FF 375.



Francisco apareceu como “homem novo”, carismático, marcado com o sigilo do Deus vivo, e experimentou uma extraordinária simpatia popular. As multidões acorreram para ouvir a sua voz e foram inundadas de entusiasmo¹⁹: “A todos dava uma regra de vida e indicava o verdadeiro caminho de salvação a cada um, segundo a própria condição”²⁰. Em tal contexto, toma vida um movimento espiritual estreitamente ligado à figura carismática de Francisco de Assis, os Penitentes franciscanos (também chamados Terceira Ordem de São Francisco), uma nova realidade que podia ser confundida com os Penitentes voluntários ou com outros grupos eclesiais da época, que mantinham sua convivência social, mas assumiam livremente alguns compromissos específicos, como castidade voluntária, jejum, mortificações e vida de oração.

1.3.1 A enfermidade como experiência de conversão²¹

Francisco também foi provado pelos sofrimentos e pela enfermidade. Na sua vida, a dor chegou inesperada, redimensionou as ilusões, canalizou as energias. Com o seu precário estado de saúde, Francisco tornou-se sensível aos sofrimentos de Cristo. A conversão para Francisco começou, quando o Senhor o conduziu entre os leprosos, doentes e pobres. Iniciou uma grande mudança na sua vida: o que antes lhe parecia amargo e inaceitável tornou-se doçura. Do seu sofrimento, aos poucos, amadureceu uma forte capacidade de libertação, configurando-se nele uma particular sensibilidade seja em direção aos irmãos sofridos seja em direção à paixão de Cristo, acentuando-se seu ardor místico ao Supremo bem.

Essa mudança repentina marcou a primeira fase de um longo caminho penitencial até a conformidade com Cristo. Tomás de Celano, primeiro biógrafo, afirmou que o *Poverello* foi “ferido por uma longa enfermidade e

¹⁹ 1Cel 36-37: FF 383-384.

²⁰ 1Cel 37: FF 385.

²¹ TEMPERINI, L. **Siamo penitenti di Assisi**: dal movimento penitenziale all'esperienza francescana. 7. ed. Roma: [s. n.], 2001. p. 245-249.

começou efetivamente a mudar o seu mundo interior²². Entre a enfermidade e a conversão de Francisco, há, portanto, uma estreita relação causal. A Legenda Perusina sintetiza a história espiritual de Francisco assim: "Do dia da conversão até o da morte, Francisco, estando com saúde ou enfermo, sempre se preocupou em conhecer e em seguir a vontade do Senhor"²³. O trânsito para Francisco foi uma passagem natural, amadurecido dia após dia, subindo a escada da penitência. O Penitente de Assis percorreu um itinerário de conversão evangélica, generoso e perseverante, que o conformou a Cristo. Dessa íntima união, resultou-lhe a força de suportar, com serenidade, tantos sofrimentos²⁴.

Com base nessa resignação, Francisco exortou os frades com renovado entusiasmo: "Começamos, irmãos, a servir o Senhor Deus, pois até agora pouco ou nada fizemos!"²⁵. Esta foi a frase motivadora de Francisco de Assis ao final de sua vida, é assim que ele se percebeu no caminho da penitência, como um iniciante, um aprendiz, atitude de quem não estava pronto, mas sempre por ser e fazer. O caminho penitencial não tem parada. O penitente é incessantemente impelido pelo chamado do Absoluto e se libera de tudo para ascender ao Bem supremo do universo. Nessa ótica, a morte não é mais uma inimiga ameaçadora, mas "irmã morte corporal", porta da vida e das bem-aventuranças²⁶.

1.3.2 Os sagrados estigmas, sigilo de Cristo na vida penitencial de Francisco de Assis²⁷

Os estigmas em São Francisco não podem ser avaliados exclusivamente no horizonte psíquico-físico. Convém apelar a uma dimensão

²² 1Cel 3: FF 323.

²³ Lp 100: FF1656.

²⁴ TEMPERINI, L. **Siamo penitenti di Assisi**: dal movimento penitenziale all'esperienza francescana. 7. ed. Roma: [s. n.], 2001. p. 261-262.

²⁵ 1Cel 103: FF 500.

²⁶ 2Cel 217: FF 473.

²⁷ TEMPERINI, L. **Siamo penitenti di Assisi**: dal movimento penitenziale all'esperienza francescana. 7. ed. Roma: [s. n.], 2001. p. 269-292.



sobrenatural, na qual a fé assume a função de fator predominante. Segundo a visão unânime dos biógrafos, os estigmas significam o sigilo de Deus sobre a vida evangélica do Penitente de Assis, o sinal externo daquela configuração interior que foi amadurecendo durante longos anos de empenho, perseverança, amor. É, no entanto, legítimo reconhecer os estigmas, como a *coroa poenitentiae* ou *consummatio conversionis*, os quais representam o coroamento do itinerário espiritual de São Francisco, o sigilo de Deus sobre sua vida penitencial.

1.3.3 O TAU – símbolo convertido²⁸

O *Tau*²⁹ é símbolo de salvação, símbolo franciscano, símbolo de penitência. Na verdade, trata-se de um símbolo pagão, pertencente à cultura egípcia, usado na Bíblia e adotado por São Francisco de Assis. Em época cristã, inspirou o familiar monograma da cruz de Cristo. Ele é a verdadeira vida, e a cruz é a chave da vida nova.

Para Francisco, o *Tau* foi sigilo do Deus vivo, garantia de salvação, desejo de sucesso, esperança da vida em Cristo. Colocar o *Tau* sobre a fronte da pessoa, sobre o manto ou sobre o hábito, sobre umbrais das portas, nos sigilos para confirmar as atas, sobre paredes das casas, entre outros, equiparava-se à proteção divina³⁰, o mesmo que invocar as forças divinas para confirmar a presença de Deus nas ações humanas. Na Bíblia e no pensamento de São Francisco, o *Tau* implica sempre um duplo valor: é símbolo de Deus que protege e salva os assinalados, mas com o pacto de que estes se coloquem em uma atitude de conversão ao Sumo bem³¹.

Dessa forma, o uso do *Tau* é um compromisso de ser permanentemente penitente e estar em constante conversão. Esse símbolo

²⁸ Ibid, p. 295.

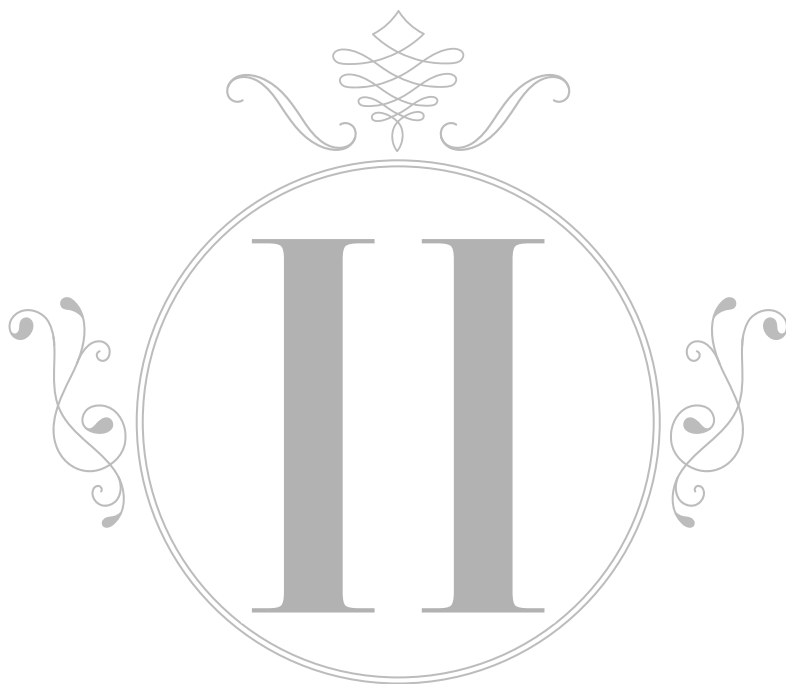
²⁹ Il Tau è la 23ª lettera dell'alfabeto ebraico con il valore di T e la 19ª lettera dell'alfabeto greco.

³⁰ TEMPERINI, L. **Siamo p enitenti di Assisi**: dal movimento penitenziale all'esperienza francescana. 7. ed. Roma: [s. n.], 2001. p. 304.

³¹ Ibid, p. 304.

franciscano vai além de uma imagem e coloca o crente em movimento de amor rumo ao Deus sempre aberto à misericórdia e sempre pronto a perdoar. Essa é uma atitude fidedigna daqueles e daquelas que fazem parte das Ordens Franciscanas.





CAPÍTULO II

Terceira Ordem Franciscana



A Terceira Ordem de São Francisco (TOF), que compreende OFS e TOR, é uma componente essencial e característica do franciscanismo, seja no tempo das origens seja nos séculos sucessivos. Provavelmente, representa a realidade mais ampla como presença no mundo, mais diversificada nas suas expressões, mais vivaz também no nosso tempo de crise³².

³² TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 6.

2.1 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA TERCEIRA ORDEM FRANCISCANA

A partir de Francisco e dos primeiros franciscanos itinerantes, muitos fiéis estavam desejosos de autenticidade evangélica. Nesse sentido, é legítimo reconhecer uma vasta proliferação de Penitentes Franciscanos que representavam uma realidade nova e diversa, em sintonia com o despertar geral do laicato no período comunal e não ligado exclusivamente à missão do *Poverello*. Com base nesse entendimento, não podemos atribuir tudo ao carisma e aos méritos de Francisco de Assis³³.

As fontes históricas e os estudos mais recentes documentam amplamente que São Francisco animou fraternidades da TOF e que, em vez disso, os Penitentes Franciscanos, sob o impulso do Espírito, difundiram-se em muitos lugares, sob os olhos do fundador, empreendendo também um caminho de forte evolução³⁴. Vale ressaltar que a qualificação de “terceira” não possui um valor cronológico, isto é, o movimento penitencial franciscano não é chamado terceira ordem, porque iniciou após a segunda, mas assim reconhecido por conta da sua estrutura mista (homens e mulheres, leigos e clérigos)³⁵.

A ideia das três ordens ou estados de vida cristã (leigos casados, leigos não casados, clérigos e monges/monjas) foi teorizada antes de tudo por Santo Agostinho³⁶. Constitucionalmente, na Igreja, distinguem-se duas ordens: povo e clero, ou seja, fiéis e hierarquia, alunos e mestres, rebanho e pastores³⁷. Entretanto, do ponto de vista carismático, há uma estrutura tripartidária: fiéis, religiosos e pastores. É essa divisão que está posta no cotidiano da Igreja, nos movimentos, nas celebrações e nas

³³ Ibid, p. 20.

³⁴ Ibid, p. 20.

³⁵ Ibid, p. 38.

³⁶ Ibid, p. 38.

³⁷ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 39.



solenidades. A ideia de leigos, no dia a dia, não se configura como aqueles que estão abaixo, antes são a parte pulsante da Igreja (Doc. Aparecida).

Nas fontes históricas e jurídicas, o movimento penitencial franciscano é registrado com muitas denominações equivalentes. Podemos encontrar “irmãos e irmãs da penitência”, “irmãos e irmãs da ordem da penitência”, “ordem dos penitentes de São Francisco”, “irmãos e irmãs da Terceira Ordem”³⁸. É importante lembrar que o nome de Terceira Ordem de São Francisco começa a afirmar-se, sobretudo, em meados de 1200, em consonância com o declínio da terceira ordem dos Humilhados³⁹. A análise das fontes históricas e da dupla redação da *Carta aos fiéis* não deixa espaço para dúvidas. Francisco, prontamente, interessou-se pelos fiéis leigos que queriam compartilhar da sua experiência evangélica e seguir o seu *modus vivendi*, orientou-os, guiou-os e encorajou-os, é o verdadeiro fundador deles no sentido técnico do termo⁴⁰.

Dessa forma, os textos antigos, históricos e jurídicos referem que a Ordem Franciscana da Penitência ou Terceira Ordem foi fundada intencionalmente por São Francisco e por ele orientada sobre o caminho do Evangelho. A riquíssima documentação, clara e precisa, não permite dúvidas sobre a direta paternidade de São Francisco, referente aos irmãos e às irmãs da penitência ou Terceira Ordem⁴¹.

2.1.1 Circunstâncias da fundação

Conforme relatam os dados históricos, no verão de 1211, Francisco fez a tentativa de ir ao médio oriente para anunciar o Evangelho aos muçulmanos. Mas a embarcação foi desviada por fortes ventos e acabou às margens da costa Dálmata. Francisco se direcionou para Ancona e retornou à Itália. Falido o projeto missionário, o *Poverello* retomou o apostolado itinerante na Itália central, evangelizando o Marche, a Úmbria, o Lazio,

³⁸ Ibid, p. 40.

³⁹ Ibid, p. 40.

⁴⁰ Ibid, p. 45.

⁴¹ Ibid, p. 46.

entre outros. É próprio, em tais circunstâncias, que iniciasse o movimento franciscano da penitência ou Terceira Ordem, fazendo reviver, em um horizonte mais amplo, o primitivo ideal dos Penitentes de Assis⁴².

Vários episódios confluem para determinar as origens desse movimento penitencial, surgido em lugares diversos e com fatos convergentes: Pian dell'Arca, nas proximidades de Cannara, no outono, em 1211; Alviano, perto de Orvieto, na primavera, em 1212; Greccio, perto de Rieti, no verão, em 1212; Gubbio, em 1221; Poggibonsi, em 1221; Firenze, em 1221; Roma, de 1210 em diante, com várias retomadas; Faenza, antes de 1221, entre outros. Com o vigor da expansão, que investiu rapidamente sobre muitas áreas geográficas, penitentes individuais e fraternidades povoaram, em pouco tempo, a Itália e a Europa cristã. Segundo o testemunho das fontes, Francisco era, antes de tudo, solícito a converter a si mesmo e não pensava em fundar qualquer instituição. Mas, o Espírito Santo, que sopra onde e como quer, escolheu o *Poverello* de Assis como centro de convergência e de referência para muitas pessoas. Chegaram, então, os primeiros companheiros, Clara noticiou a suas amigas, moveram-se multidões de leigos, sedentos de Deus e do Evangelho⁴³.

Francisco acolheu todos como dom do Senhor, propôs as suas ideias de vida espiritual, fez-se animador do empenho apostólico e cristão. O Espírito conduziu o *Poverello* além dos seus projetos pessoais para fazê-lo portador de especiais carismas e de conversão dos povos. Em determinado tempo, Javé escolheu Abraão e o fez pai de muita gente. E, assim, Abraão tornou-se o verdadeiro "pai" da fé do Deus vivo. Francisco de Assis é como um novo Abraão, escolhido e guiado por Deus para uma missão de salvação.

Nasceram, dessa forma, as três Ordens franciscanas, destinadas, pois, a articularem-se e a multiplicarem-se de modo providencial. Como sempre, nas iniciativas do bem, o protagonista é do Senhor, mas Francisco

⁴² TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 47.

⁴³ Ibid, p. 47.



instituiu os planos de Deus e colaborou intencionalmente. Ele se tornou fundador, pai e mestre da Primeira, da Segunda e da Terceira Ordem, que nele se inspiraram. O modo de ser de Francisco é idêntico e também o seu relacionamento é causal com as três instituições, visto sob a mesma ótica pelos historiadores⁴⁴. Quase no final de mil e duzentos, o século das origens das instituições franciscanas, Nicolau IV reconheceu oficialmente que “os diletos irmãos e as diletas irmãs da penitência” tiveram origem em São Francisco, o qual os educou com a palavra e com o exemplo (*Bula Supra montem*, de 18 de agosto de 1289). Na *Bula Unigenitus Dei*, de 8 de agosto de 1290, o mesmo pontífice franciscano repetiu que o beato e glorioso Francisco fundou a Ordem dos Penitentes e concedeu-lhes uma regra para merecer a vida eterna (1Fi + 2Fi e *Memoriale propositi*, de 1221).

No capítulo de Bologna, em novembro 1289, apenas três meses depois da regra de Nicolau IV, os irmãos e as irmãs da penitência tiveram ideias claras sobre sua identidade e a relação do movimento com São Francisco⁴⁵. Com base no *Memoriale propositi*, aprovado por Honório III, dado como regra aos Penitentes de São Francisco, em 20 de maio de 1221, aconteceu um evidente consenso eclesial. Esse fato é mais que suficiente para falar de aprovação oficial da parte da Igreja. As várias bulas pontifícias são consideradas verdadeiras aprovações implícitas e indiscutíveis pelos papas. Com a *Significatum est*, de 16 dezembro de 1221, de Honório III, houve clara confirmação do movimento e da sua funcionalidade eclesial⁴⁶.

O papa Nicolau IV, por meio de uma simples confirmação, retornou o *Memoriale* de 1221. A razão da sua intervenção foi, sobretudo, a de submeter os irmãos e as irmãs da penitência aos Frades Menores⁴⁷.

⁴⁴ Ibid, p. 48.

⁴⁵ TEMPERINI, L. **Fratelli e Sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 47.

⁴⁶ Ibid, p. 50.

⁴⁷ Ibid, p. 51

Sem o aval do testemunho histórico – narrativo, legislativo e diplomático (tipologia das fontes documentárias) – não era possível alcançar a verdade, pois as fontes histórico-jurídicas eram compreendidas no seu conteúdo objetivo, sem manipulações e sem a pretensão direcionada de interpretações quanto a simbolismos.

2.1.2 Fontes narrativas⁴⁸ e alguns exemplos

Jacques de Vitry, Carta de 1216, era canônico regular de S. Agostinho, na Bélgica. Em 1216, chegou a Perugia para ser sagrado bispo de S. João de Acri (“Tolemaide” para os Gregos e “Akkô” para os Hebreus), por Honório III. É considerada a primeira testemunha histórica, extrafranciscana, quanto à referência a São Francisco e ao movimento penitencial, conforme é perceptível no exemplo: “As mulheres, porém, vivem juntas em diversas hospedarias, perto das cidades, nada recebem, vivem do trabalho das suas mãos. Mas muito se lamentam e se perturbam, porque são honradas pelos clérigos e pelos leigos, mais do que gostariam”.

Esse texto, segundo os especialistas, confirma a existência, em 1216, das penitentes franciscanas (ou terciárias), que começaram a viver em fraternidade. A elas foi dado o privilégio da assistência, o amparo da fundação, mas, ao mesmo tempo, por serem consideradas excepcionais, ficavam incomodadas por conta da opção feita. A metodologia de estabelecimento das penitentes e dos movimentos evangélicos seguiu ordinariamente esta estratégia de localização: fora das cidades, em eremitérios ou lugares solitários ou hospedarias para peregrinos; intramuros nas cidades, como em hospitais para enfermos, hospedarias para peregrinos, igrejas; e transferência entre esses locais urbanos.

⁴⁸ Ibid, p. 54-55.



2.1.3 Tomás de Celano, 1Cel⁴⁹

Tomás de Celano, nascido em Celano, hoje província de Aquila, por volta de 1185/1190, entrou na Ordem em 1215, em Santa Maria dos Anjos (Assis), acolhido pelo próprio Francisco. Com base no seu correto conhecimento dos fatos e da sua fama literária, Gregório IX lhe deu o encargo de redigir a biografia oficial de São Francisco, para apresentar o novo santo ao povo cristão. Entre 1228 e 1229, escreveu, em Assis, a *Vita I*. Dedicou à Ordem franciscana da penitência duas esplêndidas passagens na 1Cel, 36.37: a fundação da Terceira Ordem, atribuída com clareza a São Francisco sobre a experiência itinerante do *Poverello*, logo depois da autorização de Inocêncio III, concedida na primavera de 1210. O início foi, certamente, entre 1211 e 1212, com base em fontes do contexto global de testemunhas convergentes.

Na 2Cel, Tomás de Celano mantém completo silêncio referente à Terceira Ordem. Talvez tivesse sido inútil repetir o que já tinha sido dito na 1Cel. Além disso, encontram-se figuras de Penitentes franciscanos: a romana *Prassede*, acolhida na Terceira Ordem pelo próprio Francisco; *Jacoba dos Settesogli*, também recebida por Francisco, em 1221; e uma nobre dona romana e sua filha, que entraram na órbita dos Penitentes Franciscanos. Esses sinais já referidos na 1Cel, em consonância com as pessoas nobres que despontam na 2Cel, por si mesmos dão sustentabilidade à descrição do movimento, considerando ainda a própria atenção de Francisco à Terceira Ordem.

2.1.3 Gregório IX, Sequência *Caput draconis* (1228)⁵⁰

O cardeal Hugolino, depois Gregório IX, foi amigo e conselheiro de São Francisco. Ele seguiu, em primeira pessoa, a evolução do movimento e favoreceu, com empenho, a tríplice instituição de Francisco e o ajudou a redigir aos Penitentes Franciscanos a "regra antiga", o *Memoriale propositi*,

⁴⁹ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 56-58.

⁵⁰ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 39-40

de 1221, e certamente a promulgá-la naquele mesmo ano, em 20 de maio. De cardeal e de Sumo Pontífice, foi o diretor do movimento franciscano e, como um *pai*, para a Ordem da penitência. A edição crítica da sequência é conservada em nove manuscritos, de 1300 a 1400.

Outros exemplos de fontes narrativas⁵¹, como os apresentados a seguir, não têm o mesmo impacto das anteriores, mas trazem, na sua construção, aspectos importantes para a formação da espiritualidade franciscana.

2.1.4 Juliano da Espira, Ofício rítmico – Vida de São Francisco

Baseado na 1Cel de Celano, o autor compõe o ofício rítmico de São Francisco, em Paris, no Centro Cultural, em uma Escola de Teologia, entre 1232 e 1235. Teve, como principais objetivos, louvar a Deus como autor da conversão de Francisco, desejar o crescimento da humildade dos inocentes e reforçar a esperança de perdão aos pecadores.

2.1.5 *Henricus Abrincensis* – Legenda São Francisco versificada

Este clérigo não franciscano, versado em poemas, nasceu entre 1190 e 1200 e, provavelmente, tenha vivido até 1272. A legenda São Francisco Versificada possui 14 partes, produzida no governo do Papa Gregório IX, e a ele dedicada. Provavelmente, tenha sido escrita após 1228, por trazer, em seu enredo, a canonização de Francisco de Assis.

2.1.6 Anônimo Perusino – Primórdios ou fundação da Ordem

Conforme o próprio nome indica, não há clareza sobre a identidade do autor, apenas sobre sua produção anterior a 1246, por trazer o estilo

⁵¹ Ibid, p. 60-83.



de linguagem da fundação e dos feitos do bem-aventurado Francisco e de seus primeiros companheiros.

2.1.7 Crônica menor – *di Erfurt*

A crônica traz os principais acontecimentos da vida de Francisco e da ordem, bem como os dos primeiros companheiros, Clara, Antônio e Isabel da Hungria, escrita em 1261.

2.1.8 São Boaventura – *Legenda Maior*

A biografia foi escrita a pedido do Capítulo Geral de Narbona, em 1260, iniciada no mesmo ano e finalizada em 1263. O enorme sucesso fez com que a obra fosse declarada como único texto oficial. A fonte de base foi 2Cel de Celano.

2.1.9 Legenda dos três companheiros

A Legenda dos três companheiros foi escrita por Rufino, Ângelo e Leão, três companheiros de Francisco, que contaram a vida do pobre de Assis: modo de se comportar no mundo, sua conversão, origem da ordem e dos primeiros irmãos, datada entre 1290 e 1310.

2.1.10 Hubertino de Casale – *Arbor vitae crucifixae lesu*

No ano de 1305, o escritor retirou-se no Monte Alverne, onde escreveu a primeira redação da Árvore da Vida Crucificada de Jesus.

2.1.11 Compilação de Assis, 1290 a 1311

No capítulo Geral, de 1276, na cidade de Pádua, emerge a ordem de que se recupere toda a memória precedente de Francisco. Desse recolhimento, promovido pelo ministro geral, Crescêncio da lesi, nasce a Compilação de Assis, entre 1290 e 1311.

2.1.12 Fontes espirituais e legislativas⁵²

A Primeira Regra dos Penitentes Franciscanos foi o testemunho vivo de São Francisco. Antes de tudo, há uma regra vivida, um *modus vivendi*. A necessidade de normas escritas é posterior à experiência de vida. É Francisco quem, iluminado pelo Senhor, propõe aos seguidores o seu modo de viver o Evangelho.

2.1.13 Primeira carta de Francisco aos fiéis⁵³

[penitentes], 1215

Este documento é atualmente conhecido em duas redações, denominadas *primeira carta aos fiéis (1Fi)*, de 1215, e *segunda carta aos fiéis (2Fi)*, de 1221. A *1Fi*, núcleo da futura *2Fi*, constitui a original *forma vitae* ou proposta de vida penitencial dada por escrito aos “irmãos e irmãs da penitência”, isto é, a quem desejasse viver, com empenho especial, o Evangelho, permanecendo no século. A *1Fi* traz, na sua composição, um louvor àqueles que fazem penitência e uma exortação aos que não a fazem. Sua descoberta gerou controvérsias quanto à ordem de escrita (primeira ou segunda), contudo seu estilo louvativo fez parte de um escrito primeiro (Capuchinhos. Org.). Assim, a ênfase está na segunda carta, como veremos a seguir.

2.1.14 Segunda carta de São Francisco aos fiéis⁵⁴

[penitentes], 1221

Em 1221, Francisco promoveu a atualização da *1Fi*, destinada a todos os cristãos religiosos (aos empenhados como “penitentes” sob os passos do *Poverello*): clérigos e leigos, homens e mulheres, dispersos no mundo.

⁵² TEMPERINI, L. **Fratelli e Sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 103-104.

⁵³ TEMPERINI, L. **Fratelli e Sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 105-115.

⁵⁴ *Ibid*, p. 116-128.



Em síntese, a vida de penitência ou conversão contínua não admitia compromissos em meia medida, mas exigia um empenho total para realizar uma forma radical de vida cristã, direcionada, com todas as forças, Àquele que é o bem, todo o bem, o sumo bem, fonte perene de amor.

Como finalidade, Francisco sentiu a necessidade de dar aos seus seguidores as perfumadas ou fragrantes palavras do Senhor Jesus Cristo, Verbo e Palavra do Pai: perfumadas como as flores do campo, fragrantes como o pão fresco. São palavras para degustar, palavras para saborear, são espírito e vida (vv 2-3). Francisco experimentou o encontro vital com o Evangelho. Consciente da sua vocação/missão de ser servo e apóstolo, na *1Fi* II,19-22, Francisco dirigiu um apelo incessante à caridade que é Deus, para que os penitentes acolhessem “com benevolência e amor divino estas fragrantes palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e as conservem no coração, colocando-as em prática até o fim, porque são espírito e vida”. É possível, por meio dos enunciados de Francisco, observar a preocupação em compartilhar a essência, o que dá vigor àquele que abraça o Evangelho, como forma de vida. Ele sabia o quanto era importante dar consistência aos seguidores, testemunhar o que vivia e registrar aquilo em que acreditava.

2.1.15 *Memoriale propositi*⁵⁵ (ou regra antiga), 1221

O movimento dos Penitentes Franciscanos, em dez anos de existência, firmou-se em número e em difusão. Tornava-se, no entanto, sempre mais urgente estruturar uma adequada organização com oportunas normas legislativas. Em 1221, segundo solicitações da autoridade eclesiástica e com o desenvolver dos eventos, Francisco e o cardeal Hugolino, no mês de maio, concederam aos Penitentes um específico *propositum* ou projeto de vida, que apresenta as disposições fundamentais da vida penitencial franciscana.

⁵⁵ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 129-131.

O *Memoriale propositi* constitui a “regra antiga” da TOF (=Ra) e representa a integração jurídica da 1Fi (1215) e da 2Fi (1221), que apresenta, sobretudo, um valor espiritual. O *Memoriale propositi* chegou até nós em quatro manuscritos: Código de Florença (1221); Código de Capestrano (1228); Código ultramontano (1350) e Código de Aquila.

2.1.16 Regra de Nicolau IV, na bula *supra montem*, em 1289

Em 22 fevereiro de 1288, foi eleito o Papa Jerônimo de Ascoli, franciscano, cujo nome era Nicolau IV. Os Penitentes lombardos, de inspiração franciscana, pensaram que tinha chegado o momento oportuno para pedir uma aprovação clara e definitiva. Embora houvesse numerosas interferências pontifícias, favoráveis em termos explícitos, o movimento dos Penitentes Franciscanos era, por vezes, colocado em discussão pelos bispos e pelos Frades Menores, e as orientações à vida “regular”, que estavam se afirmando desde o tempo de São Francisco, eram também objeto de controvérsia. Portanto, o reconhecimento formal da Igreja teria favorecido a autonomia da instituição e a vitalidade das obras caritativas.

Os Penitentes lombardos enviaram junto à cúria pontifícia o advogado *ferrarese*, Hugolino dos *Medici*, para que solicitasse a aprovação do *Memoriale propositi*, de 1221, seguido até o momento *ad experimentum*. O papa fez uma nova sistematização redacional ao texto do *Memoriale*, de 1221, e o aprovou como regra oficial dos Penitentes Franciscanos⁵⁶. Depois da promulgação da *regra de Nicolau IV*, o *Memoriale* foi colocado à parte e substituído pela nova redação, aprovada pela bula *supra montem*, de 18 de agosto 1289. Assim, o *Memoriale propositi*, de 1221, e, conseqüentemente, a regra de Nicolau IV, que desta depende, foi integrado à 1Fi, de 1215, e à 2Fi, de 1221, que constituem a alma da lei. Este é o primeiro *corpus* legislativo, carregado de “vis evangélico” dos Penitentes

⁵⁶ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 159.



Franciscanos. É importante lembrar que o *Memoriale propositi* carrega alma bíblica nas propostas ideais e operativas, além disso, é completado e enriquecido pela espiritualidade da 1Fi e da 2Fi⁵⁷.

Até aqui, é possível notar o crescimento exponencial desses documentos que são o sustentáculo da TOF, já que o fundamento é o Evangelho. Ainda, é visível a maturidade com que a ordem foi se desenvolvendo, ganhando vigor não apenas na parte escrita, mas também na sintonia com a Igreja em cada tempo.

2.1.17 Os primeiros capítulos da TOF

Aumentando rapidamente em número e em atividades sociocaritativas, os Penitentes Franciscanos começaram logo a partilhar os problemas e os projetos, reunindo-se em capítulo, por níveis (local, provincial, regional, geral). As atas de alguns capítulos chegaram até a atualidade, e um deles foi o dos Penitentes Lombardos, realizado em *Piacenza*, no ano de 1280. Foi um capítulo com ampla participação dos Penitentes Franciscanos, solícitos para garantir a funcionalidade e a autonomia leiga da Ordem. Em certo sentido, foi o primeiro capítulo geral da Ordem Franciscana da Penitência. Na realidade, por Lombardia, entendia-se, então, toda a Itália setentrional, pelo menos da *Emilia Romagna*, *Veneto*, *Lombardia*, *Piemonte*, *Liguria*. Com base nos documentos, há evidência de que os Penitentes Franciscanos da Itália setentrional tinham começado a se organizar antes de outras regiões.

No capítulo de *Piacenza*, foram estabelecidas sanções peculiares contra os transgressores do *Memoriale propositi*, isto é, contra quem tivesse aceito convites pouco edificantes, comido carne nos dias proibidos, contra quem não jejuasse nas quartas e sextas-feiras, quem não se confessasse e nem recebesse a comunhão três vezes ao ano, não tivesse pago as décimas e pronunciado juramento sem necessidade. Outras transgressões estavam ligadas a procedimentos, como não participar da missa ou

⁵⁷ Ibid, p. 136.

de funerais dos coirmãos, não participar da votação para eleger o ministro ou da visita canônica, ter interrompido o silêncio em tais circunstâncias, não ter pago as coletas, não cumprir as penitências a ele impostas. No capítulo de *Piacenza*, os irmãos da penitência estabeleceram, entre outros aspectos, a cobrança de tributos para cobrir as despesas, na expectativa da aprovação oficial da regra antiga (*Memoriale propositi*), no capítulo geral de Bologna.

Os irmãos e as irmãs da penitência tinham se defendido contra os maus tratos das autoridades civis, com apoio constante dos papas e dos bispos, que louvavam o estilo de vida deles e as obras de misericórdia por eles animada. Na prática, todavia, permanecia objeto de controvérsia a interpretação das declarações do IV Concílio de Latrão (1215), rebatidas com firmeza pelo II Concílio de Lion (1274), pois não tinham direito de existir, na Igreja, as ordens surgidas depois do IV Concílio de Latrão.

Depois do Concílio de Lion, os penitentes de São Francisco se colocaram logo a serviço para superar essa dificuldade e garantir à Ordem a necessária segurança na Igreja e sociedade. Esperava-se a intervenção decisiva do papa mediante uma confirmação oficial, clara e definitiva da regra antiga, o *Memoriale propositi*, de 1221⁵⁸. A regra de Nicolau IV foi promulgada em *Rieti*, no dia 18 de agosto de 1289, com a bula *supra montem*.

2.1.18 Capítulo local da fraternidade TOF, na Cidade de Castelo

Poucos dias após a promulgação da bula pontifícia *supra montem*, precisamente no dia 26 agosto de 1289, os Penitentes Franciscanos da cidade de Castelo, reunidos em capítulo, em vinte pessoas aproximadamente, junto ao convento dos Frades Menores, elegeram frei *Tartarino* para representá-los no capítulo regional, em *Marsciano*, no dia 28 de agosto de 1289.

⁵⁸ TEMPERINI, L. **Fratelli e Sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 197-198.



Os penitentes deveriam tomar conhecimento da regra antiga reproposta por Nicolau IV e declarar a própria disponibilidade em aceitá-la⁵⁹. Foram vários os capítulos, nos diversos níveis, durante o ano: Capítulo regional de *Marsciano*, em 28 de agosto de 1289;

Capítulo provincial de Bologna, no início de novembro de 1289; e Capítulo geral de Bologna, em 14 de novembro de 1289. Depois de longos preparativos e cansativas negociações, os Penitentes Franciscanos celebraram o capítulo geral, em 14 de novembro de 1289, junto à igreja de Santo André, sem a participação de alguns Frades menores. Participaram 32 representantes, mas tinham sido convocados todos os *fratres ordinis penitentie totius Italiane*.

Todos os capítulos dos terciários (locais, provinciais, regionais, gerais) foram conduzidos somente pelos penitentes, sem interferência externa, e os visitantes apostólicos foram eleitos entre os próprios penitentes. Os irmãos e as irmãs sentiam-se adultos e queriam autogerir-se. Assim, na esperança de ver garantida a autonomia da TOF, as capitulares, reunidas em capítulo geral, em Bologna, enviaram um pedido ao papa franciscano, Nicolau IV, solicitando o direito de ter um juiz próprio e um protetor dos próprios privilégios. O papa respondeu indiretamente com a bula *Unigenitus Dei*, de 8 de agosto de 1290, promulgada em *Civitavecchia*, na qual rebateu que os penitentes deveriam ser guiados e formados pelos Frades Menores, porque foram fundados pelo próprio Francisco. O papa se dirigia aos penitentes lombardos e a outros, que contestaram algumas disposições da *Supra montem*. Enquanto os Terciários franciscanos empenhavam-se para constituir uma ordem autônoma e centralizada sob um ministro geral próprio da TOF, os Menores operavam para submetê-los à sua jurisdição⁶⁰.

⁵⁹ TEMPERINI, L. **Fratelli e Sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 199-200.

⁶⁰ *Ibid*, p. 209-210.

2.1.19 *Bullarium* TOF (da Terceira Ordem Franciscana Secular e Regular)

Bullarium são os documentos diplomáticos, a voz oficial da Igreja. Muitas bulas se perderam ao longo dos séculos, e outras não foram registradas no vaticano por motivos econômicos. Esses documentos permitem conhecer o modo de agir da hierarquia em relação aos Irmãos e às Irmãs da penitência⁶¹.

A Bula *Cupientes cultum*, de 11 de julho de 1295, foi promulgada em *Anagni*, por Bonifácio VIII, e marcou a aprovação formal do “estilo de vida regular”, que ia se afirmando no âmbito da Terceira Ordem de São Francisco e que obteve repetidos consentimentos pontifícios no decorrer dos Duzentos. O pontífice concedeu aos penitentes regulares de São Francisco, na Alemanha meridional, a possibilidade de lugares de culto próprios, centro da vida comunitária. A aprovação foi ratificada, contra todas as objeções, em 1323, com a bula *Altissimo in divinis*, de João XXII⁶². De acordo com o *Bullarium* TOF do primeiro século franciscano, as primeiras intervenções dos papas foram importantes pelo menos por duas razões: foi emergindo a configuração da TOF na Igreja e na sociedade e delineada, com clareza, a bifurcação da TOF em TOS (depois OFS) e TOR⁶³. Essa configuração mais clara e definida ofereceu a ambos os grupos uma maior segurança em vista do futuro, com a mesma estima de São Francisco e de parte integrante da Família Franciscana.

⁶¹ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 227.

⁶² Ibid, p. 243.

⁶³ Ibid, p. 244.



2.2 DOIS RAMOS AUTÔNOMOS NA ÁRVORE DOS PENITENTES: TOR E TOS (HOJE OFS)

2.2.1 A Terceira Ordem Regular

Com a bula *Altissimo in divinis*, de 18 de novembro de 1323, João XXII confirmou a aprovação pontifícia da Terceira Ordem Regular, já certificada por Bonifácio VIII, em 11 de julho de 1295. Os Terciários “regulares” eram perseguidos, porque conduziam vida comunitária nos eremitérios ou em outros lugares e divulgavam os conselhos evangélicos.

À vida regular, professada pelos terciários, opunham-se as autoridades civis, porque não viam com bons olhos os privilégios das pessoas isentas de contribuições públicas. Refutavam essa realidade alguns bispos, pois, por vezes, confundiam os Terciários e as Terciárias regulares com grupos heréticos, condenados pela Igreja. Opunham-se também aos Frades Menores, pois estes ordenavam legitimidade do estilo regular dos Terciários e, portanto, a validade da profissão, enquanto não prevista no projeto de Francisco.

Com a bula *Altissimo in divinis*, o Sumo Pontífice interveio com clareza, respondendo a todas as objeções e rebatendo o pleno consenso eclesiástico. Ele elogiou o *modus vivendi* dos Terciários regulares, homens e mulheres, ressaltou a utilidade, declarou o estilo, conforme a vontade do fundador. Em 15 de outubro de 1396, com a bula *Sacrae religionis*, Bonifácio IX aprovou a Congregação de Montefeltro, da Terceira Ordem Regular. As Constituições da Congregação foram aprovadas em 1444, com o título Memorial dos pobres eremitas do frade Pedro de Pisa⁶⁴. No decorrer de 1300 e 1400, muitas foram as congregações franciscanas da Terceira Ordem Regular, aprovadas pela igreja. Eis alguns exemplos:

⁶⁴ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 244-245.

1. Em 1309, com a bula *Tenore cuiusdam*, Clemente V aprovou a Congregação francesa da Terceira Ordem Regular⁶⁵; Congregação holandesa de Utrecht (*Traiecttensis*) da TOR, 1401; Congregação portuguesa da TOR, 1401; Congregação lombarda da TOR, 1420; Congregação de Renania (Colônia) da TOR; Congregação belga da TOR, 1435; Congregação irlandesa da TOR, 1435; e Congregação espanhola da TOR, 1442.

2. Em 1447, com a bula *Pastoralis officii*, de Nicolau V, foi aprovada a Congregação italiana da Terceira Ordem Regular, que se tornou o centro de convergência da TOR masculina⁶⁶. Em 16 de outubro de 1517, Leão X interveio para garantir autonomia dos Terciários Regulares em toda Europa. Publicou a bula *Esponi nobis fecit*, estabelecendo penas canônicas contra aqueles que faziam tais coisas e “contra todos os intrusos e molestadores, perturbadores e usurpadores”, segundo a Terceira Ordem⁶⁷.

3. Em 20 de janeiro de 1521, com a bula *Inter caetera*, no espírito de renovação, promovido pelo Concílio do Latrão V, Leão X propôs aos frades e às irmãs da Terceira Ordem Regular um texto atualizado da Regra de Nicolau IV, reservado àqueles que estavam dispostos a depender dos Frades menores. Nos capítulos 5 e 8, há clareza de que o papa não pretendia impor a todos os terciários a nova regra com as suas implicações⁶⁸.

4. Em 10 de março de 1526, Clemente VII promulgou a bula *Ad uberes fructus*, com a qual garantiu a plena autonomia aos frades e aos mosteiros femininos da Terceira Ordem Regular. Os Terciários franciscanos, Seculares e Regulares, deviam continuar a viver segundo a regra antiga, *Memoriale*, de Nicolau IV, sem qualquer submissão aos Frades menores. A autonomia da TOR será colocada novamente em crise no tempo de Pio V, com a supressão da independência, em 16 de abril de 1567⁶⁹. Pio XI, terciário franciscano, desenvolveu um intenso magistério a favor da Terceira

⁶⁵ Ibid, p. 244.

⁶⁶ Ibid, p. 245-247.

⁶⁷ Ibid, p. 248.

⁶⁸ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 248.

⁶⁹ Ibid, p. 249, n. 77.



Ordem Franciscana, Regular e Secular. Com a constituição *Rerum conditio*, de 4 de outubro de 1927, o pontífice aprovou a nova redação da regra para a TOR, masculino e feminino, como atualização da regra antiga⁷⁰.

5. Em 8 de dezembro de 1982, João Paulo II, com a carta apostólica *Franciscanum vitae propositum*, promulgou o texto atualizado da regra para os irmãos e as irmãs da Terceira Ordem Regular, pela primeira vez redigida a partir da base, ou seja, em mútua colaboração entre frades e irmãs da própria TOR.

2.2.2 A Terceira Ordem Secular (OFS)

Com a bula *Romani pontificis providentia*, de 15 de dezembro de 1471, o papa franciscano Sisto IV concedeu à Primeira Ordem Franciscana a autoridade de organizar e dirigir a Terceira Ordem Secular de São Francisco, segundo as “obediências”, um regime de dependência que tirou qualquer espaço de autonomia à TOS, pois nem mesmo os bispos podiam interferir. Em 15 de outubro de 1507, Júlio II publicou a bula *Esponi nobis*, na qual reafirmou quanto foi estabelecido por Sisto IV, em 1471, sobre as relações entre a Primeira Ordem Franciscana e a Terceira Ordem Secular, ou seja, a dependência dos Terciários Seculares aos Menores. Reativou-se a tensão nas relações, o que se estendeu também, em parte, à Terceira Ordem Regular⁷¹.

O Concílio de Latrão V (1512-1517), com a constituição *Dum intra*, de 19 de dezembro de 1516, aboliu todos os privilégios sociais (de caráter civil, econômico, militar e eclesiástico), usufruídos pelos Terciários Seculares, porque estes eram “leigos” e não clérigos. Portanto, deviam depor os sinais exteriores de distinção, ocasionando uma rápida decadência da Terceira Ordem Secular⁷². A TOS iniciou a sua retomada em 1606, após o capítulo dos Frades Menores de Toledo, que projetaram uma decisiva

⁷⁰ Ibid, p. 250, n. 85.

⁷¹ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 248, n. 74.

⁷² Ibid, p. 248, n. 75.

restauração da Terceira Ordem Franciscana, codificando também as diretivas inspiradoras, vindas de efusivos animadores e adequados subsídios que estimularam iniciativas e suscitaram fraternidades.

Dessa forma, a retomada da TOS foi rápida e providencial⁷³, pois, em 28 de junho de 1689, Inocêncio XI aprovou os Estatutos Gerais da Terceira Ordem Secular (ditas também *Constituições inocencianas*), com a constituição *Ecclesiae catholicae*. Esses estatutos tinham sido redigidos pelos Menores observantes⁷⁴. Nos anos 1725-1729, o papa Bento XIII, com quatro distintas Constituições, concedeu às três famílias da Primeira Ordem e à Terceira Ordem Regular iguais direitos e deveres em relação à Terceira Ordem Franciscana Secular⁷⁵. Pio IX, terciário secular, desde 1821, em diversas ocasiões, expressou a sua simpatia pela Terceira Ordem Secular⁷⁶.

Em vários momentos, houve inclinações positivas ao movimento da Terceira Ordem: Leão XIII, terciário franciscano, atualizou a regra da Terceira Ordem Secular com a bula *Misericors Dei Filius*, de 30 de maio de 1883⁷⁷; São Pio X, filho de mãe Terciária franciscana, foi também terciário secular, desde março de 1870. Recomendou a difusão da Terceira Ordem Secular e reteve a unidade da TOS, mesmo com diversidade de assistência espiritual⁷⁸; em 6 de outubro 1921, Bento XV, terciário franciscano, promulgou a encíclica *Sacra propediem*, louvando a Terceira Ordem Franciscana e exortando os bispos a promoverem novas fraternidades seculares⁷⁹; em 5 de setembro de 1946, os ministros gerais da primeira Ordem e da TOR aprovaram o *Statutum Consilii Internationalis Tertii Ordinis Sancti Francisci Assisiensis*, solicitando a exigência de uma revisão legislativa⁸⁰; em 1957, foram aprovadas as Constituições Gerais da Terceira Ordem Secular,

⁷³ Ibid, p. 94.

⁷⁴ Ibid, p. 249.

⁷⁵ Ibid, p. 249, n. 80.

⁷⁶ Ibid, p. 250, n. 81.

⁷⁷ Ibid, p. 250, n. 82.

⁷⁸ Ibid, p. 250.

⁷⁹ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. 250, n. 84.

⁸⁰ Ibid, p. 250, n. 86.



por Pio XII, terciário franciscano cujo texto foi estruturado em cinco capítulos e 173 artigos⁸¹; João XXIII, terciário franciscano, efetuou intervenções muito significativas em vantagem da Terceira Ordem Secular⁸².

A regra da Terceira Ordem Secular foi atualizada em três fases: 1966-1969; 1969-1973; 1973-1978. O novo texto foi aprovado por Paulo VI com a carta apostólica *Seraphicus Patriarcha*, de 24 de junho de 1978. Esse fato marcou um momento importante: a partir de então, a Terceira Ordem Secular (TOS) pôde chamar-se também de Ordem Franciscana Secular (OFS), dirigida por um governo próprio, eliminando as antigas “obediências”, substituídas pela assistência espiritual. Realizou-se o antigo projeto de 1289 (capítulo geral de Bologna), trancado desde o início por Nicolau IV⁸³. As Constituições da OFS, de 1990, *ad experimentum*, foram atualizadas no ano 2000 com a aprovação definitiva. Os trabalhos de reelaboração tinham iniciado em 1979, em resposta às instâncias da nova regra, no contexto de renovação conciliar⁸⁴. Enfim, a Conferência dos ministros gerais da Primeira Ordem e da TOR aprovaram o novo texto dos Estatutos para a assistência espiritual e pastoral da Ordem Franciscana Secular, em 28 de março de 2002⁸⁵.

2.3 A PENITÊNCIA E A CARIDADE NA REGRA E VIDA DA TOR – 1982⁸⁶

João Paulo II, ao aprovar a Regra atualizada da TOR, disse: “Para realizar de modo mais perfeito seu projeto de vida, os irmãos e as irmãs cultivam intensamente a oração, procuram entre si a caridade fraterna e

⁸¹ Ibid, p. 251, n. 87.

⁸² Ibid, p. 251, n. 88.

⁸³ Ibid, p. 251, n. 89.

⁸⁴ REGOLA, Costituzioni Generali, Rituale Dell'ordine Franceseano Seolare. Roma: [s. n.], 2001.

⁸⁵ STATUTO per l'assistenza spirituale e pastorale all'ordine franceseano seolare. Roma: [s. n.], 2002.

⁸⁶ REGOLA e vita dei fratelli e delle sorelle del terzo ordine regolare di San Francesco. A cura della Presidenza del Movimento Religiose Franceseane. Bologna: [s. n.], 1982.

fazem uso da verdadeira penitência e da abnegação cristã⁸⁷. Na introdução, são usadas as palavras de Francisco, dirigidas aos seus seguidores (cf. *1Fi 1*), quando fala do amor e da penitência: "Todos aqueles que amam o Senhor de todo o coração, de toda alma e mente, com todo o vigor, e amam seu próximo, fazem dignos frutos de penitência: oh! como são felizes e benditos estes e estas, enquanto fazem tais obras e nelas perseveram, porque o espírito do Senhor repousará sobre eles e neles fará habitação e morada"⁸⁸.

No capítulo I, número 2, encontra-se uma exortação aos irmãos e às irmãs por perseverarem na verdadeira fé e na penitência em união com todos aqueles que querem servir ao Senhor Deus na Igreja Católica⁸⁹. É notória a atenção que São Francisco dá a dois elementos importantes, a saber: a penitência, como um percurso que objetiva repousar-se em Deus, mas precisa estar em consonância com a Igreja, como um caminho que conduz a pessoa à penitência e ao encontro com o *Sumo Bem*. Sobre como empreender essa vida, Francisco diz: "Assim, conduzidos pelo Senhor, iniciam a vida de penitência, cientes de que todos estão em contínua conversão. Como sinal de conversão e consagração à vida evangélica, usem vestes baratas e vivam juntos de modo simples"⁹⁰.

Fazendo em si mesmos uma habitação e uma morada permanente para o Senhor, é condição, para crescer no amor universal, com o coração indiviso, converter-se continuamente a Deus e ao próximo⁹¹. Sobre o espírito de oração, há o seguinte: "Aqueles e aquelas que o Senhor chamou para a vida de contemplação manifestem sua dedicação a Deus, com alegria renovada todos os dias, e celebrem o amor que o Pai tem pelo mundo, Ele que nos criou, redimiu e que nos salvará por pura misericórdia"⁹².

⁸⁷ REGOLA e vita dei fratelli e delle sorelle del terzo ordine regolare di San Francesco. A cura della Presidenza del Movimento Religiose Francescane. Bologna: [s. n.], 1982. p. 3-4.

⁸⁸ *Ibid*, p. 5.

⁸⁹ *Ibid*, cap. I, n. 2.

⁹⁰ *Ibid*, cap. II, n. 6.

⁹¹ *Ibid*, cap. II, n. 8.

⁹² *Ibid*, cap. III, n. 9.



No nº 13, está escrito: “Em todas as suas culpas, os irmãos e as irmãs, não tardem em arrepende-se interiormente pela contrição e exteriormente com a confissão, e façam dignos frutos de penitência”⁹³; “Os irmãos e as irmãs amem-se uns aos outros por amor a Deus, como diz o Senhor no Evangelho. E manifestem pelas obras o amor que têm um para com o outro”⁹⁴; “O perdão mútuo é necessário antes de oferecer as próprias orações a Deus. A ira e a perturbação impedem a caridade em si e nos outros”⁹⁵.

Diante do exposto, a penitência é um ato pessoal, mas que reverbera, impreterivelmente, no outro, tendo, como consequência, o amor, um amor capaz de perdoar-se e perdoar os outros como manifestação da caridade, é uma atitude que provém de dentro para fora. O capítulo VIII é dedicado à obediência caritativa e lembra que os irmãos e as irmãs, a exemplo de Jesus e por amor a Deus, renunciaram à própria vontade. Os ministros tiveram a delicada e difícil tarefa da acolhida, com caridade e benevolência, demonstrando familiaridade com os irmãos e as irmãs que se dirigiam a eles, convencidos de não poder observar espiritualmente a regra⁹⁶.

O chamado à prática do amor vem proposto no capítulo IX da regra, fundamentando-se nas palavras de Jesus: “Os irmãos e as irmãs amem o Senhor de todo o coração, de toda alma e mente, com todo o vigor, e amem a seu próximo como a si mesmos”⁹⁷; “E em toda parte onde estiverem, recordem-se que se doaram a si mesmos e entregaram seus corpos ao Senhor Jesus Cristo. Por amor do Senhor devem expor-se aos inimigos visíveis e invisíveis”⁹⁸; “Os irmãos e as irmãs, seja orando, seja servindo ou trabalhando, na caridade que é Deus, devem procurar ser humildes e reconhecer que todos os bens procedem do Senhor”⁹⁹.

⁹³ REGOLA e vita dei fratelli e delle sorelle del terzo ordine regolare di San Francesco. A cura della Presidenza del Movimento Religiose Francescane. Bologna: [s. n.], 1982. Cap. III, n. 13.

⁹⁴ Ibid, cap. VII, n. 23.

⁹⁵ Ibid, cap. VII, n. 24.

⁹⁶ Ibid, cap. VIII, n. 25 e 27.

⁹⁷ Ibid, cap. IX, n. 9.

⁹⁸ Ibid, cap. IX, n. 30.

⁹⁹ Ibid, cap. IX, n. 31.

Nos capítulos mencionados sobre a Regra e vida, é perceptível o que move um franciscano e uma franciscana: a capacidade de amar. Contudo, esse amor não é intimista e não faz predileção de pessoas. Seu destino será sempre as criaturas e, por excelência, o coração humano, dada a capacidade de ressignificar a espiritualidade à luz das experiências vividas na comunidade de fé. Assim, a força da penitência, quando esse mesmo amor é colocado a serviço da Igreja, é sentida em plenitude.





CAPÍTULO III

Espiritualidade Penitencial e Caritativa



A espiritualidade penitencial e caritativa, sob o prisma da espiritualidade franciscana, tem sentido mediante uma consciência pessoal e comunitária do ser. O sentido da penitência é visto como um caminho para Deus e a caridade como um caminho para o irmão. Aqui reside a convergência da irmandade, tão preciosa aos olhos de São Francisco de Assis e de todo franciscano e franciscana.



3.1 ESPIRITUALIDADE: UM CAMINHO AO ENCONTRO DO DIVINO

A espiritualidade é a alma de cada movimento histórico, é o que o vivifica a partir de dentro e constitui a explicação das suas expressões. Essa realidade animadora é representada por valores profundos e por esperanças, por sofrimentos e por ideais, da ansiedade de liberar-se do mal para Deus. Em nível humano e sobrenatural, esses componentes dinâmicos da história vêm indicados, globalmente, pelo termo “espiritualidade” cuja definição, neste capítulo, fundamenta-se em uma espiritualidade teológica, cristocêntrica, o que não rejeita, de modo algum, outras expressões, mas que não são objeto de estudo neste livro, dada a força propositiva da espiritualidade franciscana na Igreja, com os olhos e o coração sempre voltados ao *Sumo bem* e ao seu Filho.

Concretamente, a espiritualidade tem por objeto o desenvolvimento sobrenatural do espírito humano não somente em âmbito teórico, mas, sobretudo, em perspectiva de atuação; explica os princípios da vida espiritual e indica o itinerário (meios e modos) da perfeição cristã. É única no que se refere aos princípios objetivos, aos meios de santificação e ao fim como plenitude, todavia permite uma variedade de formas e uma riqueza ilimitada de significados e expressões, dada a diversidade dos indivíduos (motivo natural), a variedade dos carismas concedida por Deus (motivo sobrenatural) e a perfeição do modelo divino a ser imitado (motivo cristocêntrico).

Temperini (2007) apresenta algumas considerações no desenvolvimento do tema: *Espiritualidade penitencial franciscana, nas fontes elisabetinas, de mil e duzentos: estratégias de perfeição*, durante o Encontro internacional de estudos, no oitavo centenário do nascimento de Santa Isabel da Hungria, Roma, Pontifícia Universidade *Antoniana*, 23 e 24 de



fevereiro de 2007¹⁰⁰. Conforme o autor, o termo “espiritualidade” refere-se à vida do espírito (espírito humano) na sua dupla dimensão de vida natural (intelecto e vontade, pelo qual o homem pensa, raciocina e ama) e de vida sobrenatural, que se instaura nos batizados e se origina da graça santificante, por meio da qual o homem passa a participar da natureza divina.

Os princípios fundamentais da vida espiritual (verdades reveladas) e sobrenatural são o projeto de salvação do Deus criador; Cristo, redentor e modelo; Maria, corredentora e mãe; a Igreja, depositária da revelação; a graça santificante ou habitual, que insere a criatura humana sobre a natureza divina; a graça atual, que antecede e acompanha a cooperação do homem, livre e responsável. Sobre essa verdade, fundamenta-se todo edifício espiritual, como uma casa sobre seu fundamento.

Os meios que lhe permitem o crescimento até a eventual perfeição relativa são a palavra de Deus, a eucaristia e os sacramentos, a oração, a prática das virtudes teologais (fé, esperança e caridade) e morais infusas. Entre as virtudes, sobressai a caridade; entre as disposições práticas, sobressai a docilidade à ação dos dons do Espírito Santo. A vida espiritual se realiza em níveis diversos, em conformidade com múltiplas variantes, naturais e sobrenaturais, podendo permanecer no estado embrionário ou crescer sem limites, segundo a medida do dom de Deus e segundo a estatura de Cristo cuja plenitude santa, realizada em graus diversos, conforme a intensidade da amizade com Deus, evidencia a caridade operativa em direção aos outros.

Essas noções e toda a doutrina espiritual têm uma finalidade essencialmente prática: suscitar o empenho concreto e fazer com que a alma/espírito se estenda à plenitude da perfeição com ardor e siga as vias mais creditadas, por isso é tão importante que se tenha presente

¹⁰⁰ TEMPERINI, L. Spiritualità penitenziale francescana nelle fonti elisabettiane del Duecento – Strategie della perfezione. In: **Santa Elisabetta d’Ungheria penitente francescana, atti del convegno internazionale di studi nell’ottavo centenario della nascita di Santa Elisabetta d’Ungheria, Principessa di Turingia**. A cura di F. Scocca e L. Temperini. Roma: [s. n.] 2007. p. 111-113.

a distinção entre os termos espírito e espiritualidade: espírito indica, frequentemente, uma realidade existencial, ou seja, uma piedade vivida, encarnada em determinada pessoa ou instituto; e espiritualidade, sinônimo de doutrina ou ciência teórico-prática da vida espiritual, em prospecção de atualização.

Cada pessoa e cada ordem religiosa, no itinerário da própria perfeição cristã ou santificação, têm um visual próprio, uma proposta característica tanto pessoal como comunitária. É, de fato, a espiritualidade que dá cor ao espírito e confere ao instituto que o vive um estilo particular. Em tal contexto, é possível falar de “espiritualidade franciscana” e de “espiritualidade penitencial”.

3.2 A ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA¹⁰¹

A espiritualidade franciscana toma vida e substancial determinação da experiência pessoal de São Francisco de Assis, porém vem enriquecida do testemunho concreto de muitos seguidores e iluminada, em nível doutrinário, pelos teólogos. Aqui, reside uma característica primordial e vivencial da **Espiritualidade Franciscana**. Ela nasce da experiência de Francisco, mas, ao longo do tempo, tornou-se uma espiritualidade expressa nos seguidores e nas seguidoras de São Francisco, sem, contudo, perder a essencialidade, isto é, a raiz é franciscana, mas a expressão e o compromisso são de cada vocacionado que a vive.

Os elementos característicos da espiritualidade franciscana são: plena adesão ao Evangelho e ao teor de vida, como resultado do ambiente apostólico; acentuação do cristocentrismo: Cristo, ponto de convergência do amor do Pai e fonte da vida cristã; amor generoso a Deus, visto como sumo bem e sumo amor, que polariza o coração e a mente; especial devoção à humanidade de Cristo, à Eucaristia, à Imaculada, entre outros;

¹⁰¹ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 262.



amor às pessoas e zelo pela salvação das almas; pregação itinerante e as missões entre os não cristãos; pobreza, castidade, obediência e disponibilidade total por um amor sem reservas a Deus e ao próximo; visão de todas as criaturas, como obra e esplendor de Deus; e revelação das perfeições divinas.

Em síntese, esses são alguns aspectos comuns, mas cada Ordem Franciscana tem elementos espirituais próprios que a caracterizam no âmbito do franciscanismo. Por exemplo, a “minoridade” e a “altíssima pobreza” para a Primeira Ordem; a “contemplação” e a “altíssima pobreza” para a Segunda Ordem; a “penitência” e as “obras de misericórdia” para as numerosas congregações da TOR; e a “secularidade” para a OFS.

3.3 ESPIRITUALIDADE DOS PENITENTES FRANCISCANOS

Desde o início, muitos irmãos e irmãs da penitência (depois Terceira Ordem Franciscana), animados pela vontade de maior perfeição e encorajados pelo próprio Seráfico Pai, começaram a viver em comunidade e a professar os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência. Francisco propôs um estilo diverso de vida espiritual, uma alma diversa de santidade cristã a todos aqueles que eram desejosos de viver segundo o Evangelho: “fazer penitência”, como ele mesmo tinha feito (*Test 1 e 3*). Essa ideia tem o seu fundamento bíblico no Antigo Testamento, como incessante chamado do povo de Deus, e, no Novo Testamento, como vocação de toda a pessoa à íntima comunhão com o Deus do amor. Os primeiros cristãos estavam em contínuo estado de conversão para encarnar sempre mais uma radical escolha de Deus, prontos a darem a vida pelo martírio¹⁰². Esses elementos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento são princípios fundamentais da espiritualidade franciscana e marcam profundamente o

¹⁰² TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 264-265.

ser e o fazer de todo aquele que busca esse itinerário, independentemente da ordem à qual pertença.

Os membros da Terceira Ordem Franciscana (OFS e TOR) têm uma tradição espiritual própria, centrada na *metanoia* ou penitência/conversão e no exercício das múltiplas “obras de misericórdia”, espiritual e corporal¹⁰³. *Metanoia* significa íntima conversão a Deus, atitude vital, interior, psicológico-espiritual que dirige os interesses primários do espírito e o ardor do coração, incessantemente para Deus; é um constante modo de ser, exercício interior à vida sobrenatural em clima de amor. Não se trata de fazer penitência, mas de ser penitente. Esse é o sentido primário da penitência, como profunda inclusão no mistério pascal de Cristo, morto e ressuscitado, para oferecer uma crescente resposta de amor a Deus que nos quer tornar coparticipantes da sua beatífica perfeição¹⁰⁴.

Nesses termos, a penitência exprime um tipo de relacionamento com o Senhor, um modo de ver o mundo como convergente para Deus-Amor, um método particular de atuar a perfeição evangélica, uma ideia-força que confere tonalidade característica e um especial dinamismo ao desenvolvimento do espírito¹⁰⁵. A penitência, nas línguas modernas e na mentalidade comum, significa também as expressões externas, parciais e secundárias da íntima e total conversão do coração (sentido restrito), como mortificações, jejum, flagelações, gestos cujo sentido existe se responderem a uma verdadeira realidade interior¹⁰⁶.

Seguindo a espiritualidade penitencial, os irmãos e as irmãs (OFS e TOR) têm uma visão própria da realidade terrena, olham com admiração e com desapego, são otimistas e alegres no Senhor, generosamente empenhados em testemunhar a caridade que Deus nutre pelas suas criaturas, disponíveis para os irmãos, plenos de fé na Providência¹⁰⁷. A harmoniosa

¹⁰³ Ibid, p. 261.

¹⁰⁴ Ibid, p. 265-267.

¹⁰⁵ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 266.

¹⁰⁶ Ibid, p. 266.

¹⁰⁷ Ibid, p. 267.



coexistência do elemento interior e dos aspectos exteriores são essenciais para uma autêntica vida de penitência: a conversão interior seria ilusória se não se encarnasse em obras¹⁰⁸.

3.4 A DIMENSÃO OPERATIVA/CARITATIVA DA TOR E OFS

Junto à espiritualidade penitencial, o serviço caritativo (obras de misericórdia) é como uma característica peculiar na vida dos Terciários Seculares e Regulares. Uma vida plena de Deus precisa se traduzir em amor de fato também pelos irmãos necessitados. Assim, em Francisco, o sinal concreto da conversão foi o abraço do leproso e, em seguida, a atenção aos mais pobres, aos humildes, aos sofridos, aos homens sem Deus, aos sedentos de verdade e de paz.

Os irmãos e as irmãs da Terceira Ordem de São Francisco são chamados por Deus a santificar-se e a operar, não de forma genérica à espiritualidade cristã e franciscana, mas em um itinerário específico, centrado principalmente sobre dois pilares espirituais: a **penitência**, compreendida como crescente adesão ao Deus do amor, e a **caridade efetiva**, representada por iniciativas e obras de serviço caritativo aos irmãos, em qualquer modo necessário¹⁰⁹.

Essas duas características foram sempre bem distintas ao longo dos séculos, na vida e na ação da Terceira Ordem Franciscana em todas as suas múltiplas Congregações e na OFS. Sobre o fenômeno franciscano integral, incidem medidas eficazes e instâncias sociorreligiosas do momento histórico: discriminação entre ricos e pobres, largas faixas de excluídos, sangrentas lutas entre cidadãos por interesses econômicos e por motivos de prestígio e, sobre todos esses elementos dialéticos e duais, a espiritualidade franciscana tem uma resposta caritativa conforme o Reino de Deus.

¹⁰⁸ Ibid, p. 267.

¹⁰⁹ Ibid, p. 268.

Há necessidade, pois, de retornar ao Evangelho, testemunho de Cristo, acentuado chamado à pobreza, serviço caritativo para os necessitados, zelo pela salvação das almas, apaziguamento com o islamismo e proposta de encontro ecumênico, mensagem de paz, revalorização da sacralidade de todas as criaturas. Diante de valores da herança do patrimônio dos tempos precedentes (Evangelho, patrística, Idade Média), o franciscanismo tornou-se portador de carismas originais e característicos, que o Espírito doou em resposta aos novos tempos. De fato, na história e na Igreja, opera sempre uma certa continuidade, um caminho entre antigo e novo¹¹⁰. A dimensão missionária e o espírito missionário, na dinâmica da evangelização, sempre constituíram uma força extraordinária na vida e no apostolado de todos os componentes franciscanos: da Primeira, da Segunda e da Terceira Ordem Regular.

No clima vivo de renovação, seguida à regra de Paulo VI (1978), também a Ordem Franciscana Secular sentiu a necessidade de partilhar o espírito missionário, que sempre caracterizou o franciscanismo¹¹¹. Entre as principais fontes da espiritualidade penitencial e caritativa, a seguir consideradas, próprias da Terceira Ordem Franciscana (OFS e TOR), temos:

1. Carta de São Francisco aos fiéis (1Fi, primeira redação, em 1215, e segunda redação, em 1221): como já mencionado anteriormente, apresenta ideias centrais para o modo de vida daqueles e daquelas que, desejando seguir os caminhos de santidade de Francisco, não podem deixar a vida Secular, vivem em espírito de penitência e amor no mundo.

2. *Regra Antiga (Ra)* ou *Memoriale propositi*, de 1221: é um “Projeto de vida” que apresenta as disposições fundamentais da vida penitencial franciscana. Tem, em si, a integração jurídica da Primeira e da Segunda Carta aos Fiéis, que apresenta, sobretudo, um valor espiritual.

3. *Regra dos Penitentes (= Rp)* ou Regra Nicolau IV, de 1289: é a Regra Oficial dos Penitentes Franciscanos, reconhecida formalmente pela Igreja,

¹¹⁰ TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 269.

¹¹¹ Ibid, p. 270.



por meio da bula *Supra Montem*. A Regra Antiga (*Ra*), até então, era *ad experimentum*.

4. Regra *Tertii Ordinis Regularis*: com a Bula *Inter caetera*, no espírito de renovação, promovido pelo Concílio do Latrão V, Leão X propôs um texto atualizado da Regra de Nicolau IV, no ano de 1521, aos irmãos e irmãs da Terceira Ordem Regular, dispostos a dependerem dos frades menores.

5. Regra de Leão XIII (1883) para a OFS¹¹²: com a bula *Misericors Dei Filius*, o Papa atualizou a regra da Terceira Ordem Secular.

6. Regra de Paulo VI (1978) para a OFS: o novo texto da Regra foi aprovado com a carta apostólica *Seraphicus Patriarcha*. Esse fato marcou um momento muito importante: a Terceira Ordem Secular (TOS) passou a chamar-se Ordem Franciscana Secular (OFS), dirigida por um governo próprio.

7. Regra de Pio XI (1927) para as Congregações femininas e masculinas da TOR: com a Constituição *Rerum Conditio*, o Papa aprovou a nova redação da regra como atualização da antiga.

8. Regra e Vida dos Irmãos e das Irmãs da TOR (1982): aprovada pelo Papa João Paulo II, no dia 8 de dezembro, com a carta apostólica *Franciscanum vitae propositum* – o texto atualizado da regra foi redigido a partir da base.

3.5 POBREZA EVANGÉLICA E CARIDADE (do ponto de vista da TOF)

Os “irmãos e as irmãs da penitência”, enquanto filhos de São Francisco, eram profundamente envolvidos em praticar os valores do Evangelho, em particular, a penitência e as obras de misericórdia. A questão da pobreza inseria-se em tal contexto, pois, em âmbito das famílias franciscanas,

¹¹² TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 271-272.

a Primeira e a Segunda Ordem assumiam a “altíssima” pobreza, com finalidade ascética e com acento cristológico. A pobreza abraçava, assim como hoje também, uma relevância doutrinal e tornou-se ideal, força que estimula dinamismos cheios de potencialidade e fascínio.

Os Penitentes Franciscanos, seculares e regulares, em via ordinária, escolhiam a pobreza evangélica com finalidade assistencial e caritativa¹¹³. Quando uma irmã ou um irmão da penitência se privava dos próprios bens móveis ou destinava a sua propriedade imobiliária, mediante testamento, à *consociatio poenitentium*, tinha, diante dos olhos e no coração, as múltiplas necessidades dos pobres e o volume dos serviços caritativos previstos em favor deles. A Terceira Ordem de São Francisco participava, com atenção, dos problemas do povo e cumpria, com generosidade, obras de misericórdia. Os Terciários eram pessoas imersas no quotidiano da vida, envolvidos em aliviar o sofrimento do próximo.

Portanto, os bens não serviam para uso exclusivo dos próprios terciários, educados à vida austera e à liberdade, mas para as necessidades dos outros. As comunidades da Terceira Ordem Regular de São Francisco, de matriz popular, admitiam a propriedade comunitária, mesmo que excluíssem a propriedade privada¹¹⁴. O conselho evangélico da pobreza era acolhido e vivido na sua dimensão operativa como *servitium caritatis*¹¹⁵. Assim, os bens eram sempre para a missão, a serviço dos irmãos e das irmãs.

Os irmãos e as irmãs da penitência deixavam-se interpelar pelas exigências e pelos direitos dos pobres. O carisma deles incide, possivelmente, e de forma particular, sobre a plenitude da missão franciscana, no decorrer dos séculos e nos diversos contextos¹¹⁶. A opção privilegiada pelos pobres não se limita à indigência e à providência de bens materiais,

¹¹³ TEMPERINI, L. **Fratelli e Sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 309.

¹¹⁴ Ibid, p. 310.

¹¹⁵ Ibid, p. 311.

¹¹⁶ Ibid, p. 311.



mas se refere à pessoa no seu todo, integral (corpo e alma)¹¹⁷. É essa integralidade que faz com que a opção pelos pobres seja de irmandade, de comunhão em que se partilha bens, amor e serviço fraterno.

As quatorze obras de misericórdia (sete espirituais e sete corporais) apresentam um elenco de urgências do *servitium caritatis*. Trata-se de um catálogo simbólico, porque a caridade sempre é inventiva e transcende qualquer gesto concreto¹¹⁸. Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, é o ícone perfeito do Pai (cf. Col. 1, 15) e é mestre de misericórdia. É d'Ele que se aprende que Deus é misericordioso, sempre à espera do ser humano que se desviou do caminho. Ao encontrá-lo, faz festa, convida a todos para celebrar o reencontro, dado no amor e para o amor.

Assim, conta a história que Francisco de Assis descobre em Deus o rosto da misericórdia e abraça o leproso, mudando radicalmente o seu modo de pensar e de agir¹¹⁹. Novamente, Francisco testemunha a misericórdia de Deus em ação concreta, em um gesto que mudou para sempre sua vida, “o que lhe era amargo tornou-se doçura do corpo e da alma. Na tradição histórica e espiritual da Terceira Ordem Franciscana, ao lado do empenho pela conversão permanente, encontram-se as obras de misericórdia, que tornam concreto e visível o amor ao próximo.

O primeiro biógrafo sublinhou, repetidamente, que Francisco “demonstrava amar intensamente os pobres” e que “frequentemente despojava a si mesmo, para vestir os pobres aos quais procurava assemelhar-se” (2Cel 8). Segundo São Boaventura, “assim seu espírito se liquefazia para com os pobres e enfermos, e aos que não podia oferecer a mão, oferecia seu afeto” (LM 8,5). Nos pobres, ele via a imagem de Cristo e colocava tudo à disposição deles (LM 8,5)¹²⁰. Do *Testamento*, de 1226, percebemos que, para Francisco de Assis, a “vida em penitência” ou conversão permanente

¹¹⁷ Ibid, p. 313.

¹¹⁸ Ibid, p. 313-314.

¹¹⁹ TEMPERINI, L. **Fratelli e Sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 314.

¹²⁰ Ibid, p. 315-316.

começou com as obras de misericórdia e vice-versa. Na verdade, não existem obras de caridade sem uma atitude interior de metanoia e não há sincera conversão sem o generoso serviço aos irmãos¹²¹.

O tempo atual é marcado por novas formas de marginalização: a exclusão social, o fenômeno migratório, o analfabetismo, o drama da solidão, as frustrações do subemprego e desemprego, as desigualdades sociais, a marginalização digital, as disfunções sanitárias, as doenças, a deficiência física e mental, a pobreza das pessoas, o aumento de idosos sem assistência, o horror (perversidade) em diversos níveis, a lepra da droga, as tragédias das incompreensões familiares não resolvidas, a pobreza quanto à fé e aos costumes¹²². Hoje, é indispensável acentuar as obras de misericórdia espirituais e evangelizar os pobres. Convém infundir ideias cristãs na sociedade, propor valores evangélicos, preencher o vazio das consciências, proclamar a justiça, educar para a fraternidade humana e de criatura, operar pela paz, reverter a fé, criar uma mentalidade cristã¹²³. Tudo isso como ações que promovam a dignidade humana e o espírito de cidadania, para que essas obras não caiam no vazio do assistencialismo, sem promover a vida, como é o ato de misericórdia em si mesmo.

3.5.1 Algumas pistas operacionais

Viver em perfeita alegria a vocação, nutri-la no Evangelho e na espiritualidade franciscana, rezar muito e melhor, alimentar a vida comunitária e redimensionar o individualismo, louvar a Deus, o bem supremo que polariza a existência humana sob o prisma da fraternidade universal, são ações que proclamam a força transformadora da esperança por um mundo novo, com base no amor. A opção pelos pobres e pelos humildes da sociedade implica liberdade em relação a coisas, mas riqueza em virtudes (RB 6, 5). Por conta disso, o testemunho de austeridade franciscana é

¹²¹ Ibid, p. 316.

¹²² TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza**: il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006. p. 320.

¹²³ Ibid, p. 320.



muito eficaz e apreciado. Vale ressaltar, ainda, que o consumismo introduz novos ídolos na sociedade, nas famílias e, enfim, nos conventos. Essa forma de ser tende a conduzir a pessoa consagrada ao egoísmo e ao individualismo, perdendo a beleza da penitência. É importante mencionar que a pessoa consagrada inspira o próprio estilo de vida em Cristo cuja opção pelos pobres exige intervenções concretas. É necessário abrir o coração e a mente, ter atenção aos sinais da história, estar disponível à criatividade do amor evangélico a todos os pobres¹²⁴.

¹²⁴ Ibid, p. 321-322.





CAPÍTULO IV

Um Exemplo de Conversão e Vivência do Amor



Como coroamento deste livro sobre penitência e caridade na Terceira Ordem Franciscana, este quarto capítulo é dedicado à Santa Isabel da Hungria, penitente franciscana, que, com sua entrega, abnegação e fidelidade à espiritualidade franciscana, tornou-se modelo e exemplo de que é possível trilhar o caminho de santidade penitencial e caritativo.



4.1 SÍNTESE HISTÓRICA¹²⁵

4.1.1 A infância

Santa Isabel nasceu na Hungria, em 1207, filha do rei André II e de Gertrudes de Merania, provavelmente em *Presburgo*, residência regular da família real da Hungria, proveniente dos confins da Ásia. Como bons cristãos, os pais aceitaram esta segunda filha como um dom do Senhor. A cerimônia do batismo, particularmente solene, foi realizada na catedral de São Pedro, em Budapeste, pelo tio Bertoldo, arcebispo e futuro patriarca de Aquileia. A menina foi levada para a igreja em um precioso baldaquino, acompanhada por nobres, cavalheiros e damas. O nome Isabel certamente lhe foi dado por devoção à mãe de João Batista e escolhido pelo conselho da corte. Em língua hebraica, Isabel significa “Deus é o meu juramento”.

Abaixo, há uma tabela com o parentesco de Santa Isabel em relação a familiares ilustres e santos.

| UMA FAMÍLIA RICA DE PERSONAGENS |
|---|
| Tias maternas: santa Edwiges, a duquesa de Salésia, e Inês, mulher do rei da França, Filipe Augusto (matrimônio não reconhecido pelo papa) |
| Tios: Egberto, Bispo de Bamberg, e Bertoldo, patriarca di Aquileia |
| Os irmãos: Bela IV, herdeiro do trono da Hungria, e Colomano, que conquistaram fama de príncipes valorosos por terem combatido heroicamente contra os Tártaros. O outro irmão chamava-se André. |
| Irmã: Maria, esposa de Osan, rei da Bulgária |
| Prima de S. Isabel: Inês de Boemia, clarissa franciscana e santa |

¹²⁵ CADDERI, C. A. **Santa Elisabetta d'Ungheria**. Assisi: Edizioni Porziuncola, 2006.



Sobrinhas: Santa Margarida da Hungria, dominicana, e Santa Cunigunde que, com a Beata Iolanda, viúva, abraçaram a Ordem de Santa Clara.

Avô de Isabel: Bela III, em 1172, subiu ao trono e assumiu de coração a causa da libertação do Santo Sepulcro.

André II, rei da Hungria, pai de Isabel, foi um dos soberanos mais importantes de toda a história da Hungria, sobretudo pelos esforços empregados para consolidar a hegemonia Húngara sobre a *Galizia* e pela atenção colocada ao trono do império do Oriente, depois da cruzada de 1217, cujas iniciativas, no campo social e econômico, foram muito importantes, inclusive por doar parte dos bens da coroa aos mosteiros e pobres.

Naquela época, o cristianismo vivia um dos momentos mais difíceis e, ao mesmo tempo, apresentava germes de uma retomada, que teria sido a mais importante de toda a história medieval. Isabel foi contemporânea de Inocêncio III, Frederico II, Francisco e Clara de Assis, Domingos de Gusmão e tantos outros. Desde os primeiros anos, Isabel foi habituada a dominar-se, a suportar pequenos sacrifícios por amor ao Senhor. Sua mãe, que sonhava em fazer da sua filha uma duquesa ou uma rainha, auxiliou-a na inclinação à compaixão, colocando-a em contato com os pobres.

A pobreza na Idade Média era uma praga endêmica, atribuída a causas sociais, políticas e econômicas. Uma sociedade rigidamente fundada sobre divisão de classes, nobres e plebeus, em outras palavras, ricos e pobres, com uma economia essencialmente agrícola. Eram muitos os mendicantes que batiam às portas dos mosteiros e das casas dos ricos. André II e a rainha Gertrudes procuravam vir ao encontro, como melhor podiam, das necessidades dos próprios súditos. A rainha, no tempo de advento e de quaresma, com frequência, distribuía pessoalmente comida e dinheiro aos pobres, reunidos no pátio interno do castelo. Ao lado da

mãe, a pequena princesa Isabel sabia doar, com graça e sorriso nos lábios, palavras e gestos afetuosos.

Foram quatro anos de vida feliz, vividos no seio de uma família serena. Na primavera de 1211, Isabel era uma menina de quatro anos. Foi, então, que chegaram os embaixadores da Alemanha para pedirem a sua mão para o herdeiro ao trono de Turingia¹²⁶, um menino como ela. Ermanno I de Turingia tinha interesse em formar um vínculo com o rei da Hungria, para assegurar um aliado rico e influente. Embora tivesse fama de generoso, esperava que o soberano Húngaro se demonstrasse pródigo, quanto ao dote da filha. Por outro lado, também ele, o rei da Hungria, via, nesse matrimônio, motivos de interesse e de ambição política.

Existia, naquela época, entre as famílias nobres, o costume de pro-meter os filhos em casamento mesmo quando crianças. A pequena noiva era conduzida à casa do futuro esposo, para que crescesse com ele e aprendesse a língua e os costumes da nova pátria. Uma filha de rei podia ser uma garantia de paz e de aliança. No início, Isabel não compreendeu a situação, mas tudo se tornou mais claro depois, quando a mãe, uma senhora muito desapegada, falando-lhe com ternura, contou-lhe a verdade. Com enorme dor no coração, por ter deixado para sempre a sua família, Isabel passou a maior parte da sua vida no castelo de Wartburg. Em 28 de setembro de 1213, uma tragédia arrasou a sua família, dois anos depois da sua chegada a Turingia, quando, em uma emboscada, sua mãe, a rainha Gertrudes, foi assassinada.

4.1.2 Adolescência

Na adolescência, Isabel tinha humildemente Cristo presente em cada uma de suas ações. Invocava-O com doçura, dirigindo a Ele cada ato e pensamento seu. É possível notar essa atitude cristã a partir dos relatos

¹²⁶ Turingia: sud-occidentale della Repubblica Federale di Germania. La Turingia prende il nome dagli antichi Turingi che l'abitarono fin dal V secolo dopo Cristo. Nel secolo XIII, la Turingia era fervente di fede e di arte, spesso teatro di lotte politiche e religiose. Il castello di Wartburg, fu il più celebre di tutta la Germania.



de suas características pessoais: com alma orante, permanecia frequentemente ajoelhada diante da cama, imersa em orações às quais se obrigava voluntariamente. Todos os dias, privava-se de alguma coisa para mortificar a sua vontade. Por ser filha da nobreza, não devia somente conhecer as orações e as verdades da fé, devia também ser instruída em tudo aquilo que servia para fazer dela uma perfeita dona de casa e uma boa mãe de família. Devia saber ler, escrever e fazer contas, conhecer o latim para seguir o ofício e ter discreta cultura literária. Quando foi enviada à corte de Turingia, foi acompanhada por dois sacerdotes, encarregados da sua instrução até o dia do seu casamento. Uma mulher, especialmente, devia saber costurar, fiar e manusear lã e linho.

Na juventude, o caráter aberto e generoso de Isabel a levava a manifestações de excessiva espontaneidade. Aos olhos da corte de Wartburg, Isabel era julgada como pouco apta a tornar-se a mulher do *langravio*, especialmente se comparada a Sofia, mãe de Luis. Sofia, por educação e escolha de vida, tão diferente, não podia entender plenamente as razões do comportamento de Isabel, tão simples e, aparentemente, descuidada. O amor de Luis pela jovem noiva, no entanto, era mais forte do que a morte, como se lê no *Cântico dos cânticos*. Nas provações, Isabel encontrava o seu conforto em Deus e, em seguida, em Luis, que a amava sinceramente. Luis IV de Turingia começou a reinar aos dezessete anos. Foi um exemplo de todas as virtudes: caridoso, bom, simples, prudente, puro, fiel e defensor de igrejas e mosteiros.

4.1.3 Esposa e mãe

O casamento de Luis IV e de Isabel foi celebrado no final de maio de 1221, quando Turingia se revestia de mil cores da primavera. Isabel tinha, então, apenas quatorze anos de idade. A esposa vestia uma túnica vermelha. Na cabeça, tinha um véu branco de seda e a coroa de ouro. Na ocasião, abundantes esmolas foram oferecidas às igrejas, aos mosteiros e aos pobres. Isabel viu o tempo de espera para o nascimento do primogênito

com grande confiança em Deus. Sentia uma força nova que a impulsionava a dedicar-se aos outros, especialmente às crianças mais pobres, como se o instinto materno se dilatasse ao infinito. Três dias depois do nascimento, o menino foi batizado na capela do castelo de *Kreuzburg*. Ao retornarem, tudo o que tinha servido à cerimônia foi doado a uma dona pobre. Nos sete anos de matrimônio, Isabel deu à luz três filhos: em 1222, o príncipe herdeiro Ermanno II, que faleceu em 1241; em 1224, nasceu a filha Sofia que, mais tarde, tornou-se duquesa de *Brabante*; em 1227, poucos dias depois da morte do seu marido, nasceu Gertrudes, que se tornaria, mais tarde, a abadessa do mosteiro de *Altenberg*¹²⁷.

4.1.4 Expulsão do castelo

Em 1227, ano da grande tribulação, Isabel iniciou uma *via sacra* que a conduziu à suprema imolação. Luis IV partiu para a Palestina, com a cruzada de Frederico II. Atacado pela febre, morreu durante a viagem, nas proximidades de *Brindisi*, na Itália. Começou, então, um verdadeiro calvário para a viúva Isabel. Expulsa do castelo com os três filhos, pelo cunhado Henrique Raspe, e privados de todos os bens e direitos, Isabel enfrentou sozinha o seu calvário. Tinha abraçado a vida dos penitentes de São Francisco, mas, até aquele momento, ela não pôde vivê-la totalmente, pois Enrique Raspe considerava a cunhada estranha e incômoda, pelo modo como praticava a caridade.

Depois de ter batido em vão nas portas de diversas casas, Isabel alojou-se em um barraco velho e abandonado, alugado por um modesto pagamento. Em seguida, de posse de seus direitos, renunciou a todos os seus bens para viver humilde em um casebre de barro e de ramos, que construiu junto ao hospital de Marburgo, onde procurou seu sustento com o trabalho de suas mãos, à semelhança de uma mendiga.

¹²⁷ NIES, M. Santa Elisabetta di Turingia. **Propositum**. Revista da Conferência Franciscana Internacional da TOR, v. 9, n. 1, p. 4-16, 2006.



4.1.5 Irmã morte

No final de outubro, o Senhor Ihe revelou que sua morte estava próxima. Isso não a perturbou minimamente, antes a encheu de alegria. Dia quatro de novembro, Isabel foi parar na cama, afetada por uma doença misteriosa. A notícia se espalhou pela cidade rapidamente, e gente de toda condição social mobilizou-se para ajudar. Os pobres estavam preocupados pela perda de uma benfeitora e mãe; os nobres eram impulsivados pela curiosidade da morte da viúva de Luis IV de Turingia. A santa fez todos se retirarem do quarto, com exceção de um pequeno órfão deficiente, que queria permanecer a seu lado para meditar em paz sobre o juízo final. Isabel expirou suavemente, como se estivesse adormecida, nas primeiras horas da segunda-feira, de 17 de novembro de 1231. Tinha somente vinte e quatro anos de idade, mas era rica em obras e méritos. Vestida com um hábito cinza dos Penitentes Franciscanos, foi sepultada na capela do hospital de Marburgo.

4.1.6 Canonização e culto

Isabel foi canonizada pelo papa Gregório IX, em 25 maio de 1235, pois os milagres e sua história de vida a tinham tornado popular. As ordens religiosas Ihe favoreceram o culto dentro e fora da Alemanha e a Ordem dos Frades Menores, à qual Isabel estava unida de coração, apressou-se para torná-la conhecida entre as classes mais humildes.

A igreja construída pelo mestre Corrado, logo depois da morte da santa, em seguida se revelou não mais suficiente para conter toda gente que afluía pela devoção. Pensou-se, então, em elevar uma maior, uma basílica de estilo gótico, em Marburgo, uma das mais belas e imponentes igrejas da Alemanha. A primeira pedra foi lançada em 14 de agosto de 1235. Em 1249, foram trasladadas solenemente as relíquias da Santa para esta igreja, e Inocêncio IV concedeu uma indulgência a todos os participantes da cerimônia. Temperini, ao desenvolver o tema *Espiritualidade penitencial franciscana, nas fontes elisabetianas dos Duzentos - o testemunho*

da história, durante o Encontro Internacional em Roma, 23 e 24 fevereiro 2007, escreveu:

O papa Gregório IX (1227-1241), antes, cardinal Hugolino, teve o privilégio de canonizar o primeiro trio franciscano: Francisco de Assis (Assis, 16 julho de 1228), Antônio de Pádua (Spoleto, 30 de maio de 1232) e Isabel da Hungria (Perúgia, 27 de maio de 1235). Estes três primeiros santos já figuram no “Martiríologo no decorrer do ano”, livro litúrgico franciscano, redigido antes de 1250. Clara de Assis será canonizada por Alessandro IV (15 agosto 1255) e o seu nome vem adjunto na margem do calendário¹²⁸.

Freyer (2007), magnífico Reitor da Pontifícia Universidade *Antonianum*, na sua saudação de abertura aos participantes do *Encontro Internacional de estudos do oitavo centenário do nascimento de Santa Isabel da Hungria, em 23 e 24 fevereiro de 2007*, falou da identidade da Santa, “consagrada no século” e não em um mosteiro. Isabel representa, na tradição, um novo tipo de santidade, tornada possível também a quem não vive em um convento, mas testemunha o Evangelho da caridade no mundo, isto é, uma nova santidade que realiza as virtudes por meio da espiritualidade vivida em centro urbano¹²⁹. Santa Isabel deixou o legado de que é possível viver a penitência e caridade nas mais diversas realidades, seja na riqueza seja na pobreza, na alegria ou na dor, no sofrimento ou na consolação. Em Deus e com Ele, as vicissitudes do tempo são apenas ocasião para colocar a serviço o que deseja o coração de quem se sente escolhido.

¹²⁸ TEMPERINI, L. Espiritualidade penitencial franciscana nas fontes elisabetinas, em Santa Isabel, penitente franciscana. *In*: Encontro Internacional de Estudos, 2007, Roma. **Atas** [...]. Roma: [s. n.], 2007. p. 130.

¹²⁹ FREYER, J. Saudação aos Participantes, em Santa Isabel, penitente franciscana. *In*: Encontro Internacional de Estudos, 2007, Roma. **Atas** [...]. Roma [s. n.], 2007, p. 17.



4.2 PENITENTE FRANCISCANA

4.2.1 Formação segundo os ideais de São Francisco

O encontro com os franciscanos marca uma etapa fundamental na vida de Santa Isabel. Os Frades menores estabeleceram-se na Alemanha em 1221. Em 1217, já houve uma primeira tentativa de estabelecimento que, no entanto, faliu. Faziam parte do segundo grupo de frades, entre outros, Tomás de Celano e Cesário de Espira, que tinham partido de Assis. A própria Isabel queria os Frades menores em *Eisenach*; “como a cerva anseia ao curso das águas”, assim Isabel sonhava participar de todas as pregações dos frades, seguindo os pregadores a pé até as mais remotas localidades.

O ponto forte de Francisco era ser pobre como os discípulos de Jesus. Assim como eles, pregava o Evangelho de cidade em cidade e em estreita obediência à Hierarquia eclesiástica. Dessa forma, Isabel tornou-se uma penitente da Ordem Seráfica, de fato e em plena adesão. Em contato com os Frades menores, ela compreendeu ter encontrado aquilo que mais correspondia à sua ânsia de perfeição, sobretudo na escolha da pobreza e do serviço humilde para os mais necessitados. Amava escutar episódios da vida de Francisco e de Clara, desejosa de ser instruída a respeito da regra dos penitentes. Frei Rugero é lembrado como seu guia espiritual cujo trabalho ajudou a impulsioná-la à santidade.

Os motivos que levaram Isabel em direção aos leprosos foram os mesmos de São Francisco. Antes de tudo, foi uma escolha teológica, cristocêntrica, derivada do desejo de imitar Jesus Cristo em tudo. Isabel passava a quaresma em oração e na abstinência, dando esmolas e castigando o seu corpo com muita disciplina. Na Quinta-Feira Santa, a exemplo do Senhor, lavava os pés de doze pobres e, certa vez, substituiu-os por doze leprosos. Depois de ter lavado suas chagas, beijou-os com profunda piedade.

O sigilo interior, a marca de fogo do Espírito que consagra Isabel como uma verdadeira filha de São Francisco, é constituído pelo exercício

constante das virtudes próprias da espiritualidade franciscana. Podemos defini-la como uma franciscana nata, uma irmã “penitente” que praticava a humildade, a pobreza e a mortificação. O carisma franciscano de Isabel é constituído pela imitação alegre e amorosa de Jesus pobre, desprezado e crucificado, cuja nota pessoal enaltece a extraordinária caridade para com o próximo.

Sua oração tinha muito ardor, irradiando um fluido incandescente aos que lhe estavam próximos. Era claro o testemunho de outras pessoas quanto ao estado de contemplação de Isabel, que se encontrava em estado de êxtase frequentemente. Por meio de várias testemunhas, fica claro que Isabel teve muitas revelações, visões angelicais e alocações, tanto de noite como de dia, enquanto era toda absorpta na oração. Ficando sozinha com as duas ajudantes, Isabel pôde enfrentar com maior serenidade as dificuldades e seguir melhor a vida dos Penitentes Franciscanos, no desapego material e na feliz união com Deus.

Lori Pieper (2007), na conclusão da sua palestra, *Isabel da Hungria, penitente franciscana nas fontes do XIII século*, no Encontro Internacional de Estudos do oitavo centenário do nascimento da santa, afirmava:

Quando se examina as fontes e conhece a íntima e profunda relação de Isabel com os franciscanos e a espiritualidade franciscana, pode-se reconhecer nela as características da vida penitencial franciscana. Isabel viveu como penitente franciscana num estado médio entre a vida laical no mundo e a vida claustral estreita, semelhante à vida das Beguinas. Trata-se de um estilo de vida que prefigurou a futura Terceira Ordem Regular para as mulheres¹³⁰.

Sobre o modo como Isabel seguiu os ideais de São Francisco, dos irmãos e irmãs franciscanos da penitência, Lori Pieper (2007) escreveu:

¹³⁰ PIEPER, L. Santa Isabel da Hungria penitente franciscana nas fontes do XIII século, em Santa Isabel, penitente franciscana. In: Encontro Internacional de Estudos, 2007, Roma. **Atas** [...]. Roma: [s. n.], 2007. p. 44-45.



Durante sua vida conjugal ela empenhou-se continuamente para abandonar as coisas mundanas e andar em direção a Deus, voltando-se ao mesmo tempo aos seus irmãos e irmãs; rejeitou as riquezas injustamente adquiridas, como fez São Francisco e os seus penitentes, seguiu um modo mais fraterno de ser em relação com os outros. Depois da morte do marido, continuou esta vida, numa acentuação sobre uma autêntica pobreza, uma caridade desinteressada, e uma intimidade com Deus, continuamente alimentada na oração contemplativa. O seu luminoso exemplo ainda é um modelo para todos os seguidores de Francisco¹³¹.

Roselló (2007), em sua palestra *Santa Isabel fundadora de uma comunidade religiosa*, no Encontro Internacional de Estudos, no oitavo centenário do nascimento de Santa Isabel, entre outros, falou da conformidade ou semelhança entre Isabel e Francisco:

Ambos deixaram tudo e se fizeram voluntários pobres. O serviço aos leprosos marca a vida penitencial deles. Uma vida de trabalho humilde e mendicante. O trabalho como meio do próprio sustento. A 'perfeita alegria' nas tribulações. Interpretação do Evangelho em profundidade. Ambos alcançam uma vida penitencial regular. Estas e outras conformidades entre o franciscanismo de Isabel e Francisco não podem ser tudo uma casualidade¹³².

Temperini (2007), ao desenvolver o tema *Espiritualidade penitencial franciscana nas fontes elisabetinas dos Ducentos*, durante o Encontro Internacional em Roma, dizia:

¹³¹ Ibid, p. 44-45.

¹³² ROSSELLÓ, S. C. Santa Isabel fundadora de uma comunidade religiosa. In: Encontro Internacional de Estudos, 2007, Roma. **Atas** [...] Roma: [s. n.], 2007, p. 72.

Isabel acolhe com alegria o ideal franciscano. Predisposta por natureza e por graça à oração e à caridade ativa, à mortificação e ao predomínio dos valores espirituais, Isabel se demonstra muito interessada a conhecer os testemunhos do *Poverello* de Assis e quer inspirar-se neles para seguir o Evangelho de Cristo¹³³.

4.2.2 Princesa e penitente misericordiosa¹³⁴

A vida breve de Isabel é rica de amoroso serviço, de alegria e de sofrimento. A sua grande generosidade e a proximidade com os marginalizados suscitavam escândalo à corte de *Wartburg*, que não se inseria nesse contexto. Muitos vassallos a consideravam uma louca. Nisso, encontrou um de seus grandes empecilhos: crucificada pela sociedade à qual pertencia e pelo mundo dos que não conheciam a misericórdia. No pleno exercício da sua autoridade, quando ainda era princesa, na ausência do marido, precisou enfrentar a emergência de uma carestia geral que jogou o país na fome. Não hesitou em secar os silos da corte para socorrer os necessitados e servia pessoalmente os fracos, os pobres e os doentes. Assumiu o cuidado dos leprosos, refugos da sociedade, como fez Francisco. Dia após dia, hora após hora, pobre com os pobres, Isabel viveu e exerceu a misericórdia de Deus no rio de sofrimento e de miséria que a circundava.

Nos desventurados, Isabel via a pessoa de Cristo (Mt 25,40). Ele lhe dava força para vencer a repugnância natural, tanto que chegou a beijar os leprosos. Isabel não somente empregou o coração, mas também a inteligência na sua obra assistencial. Sabia que a caridade institucionalizada é mais eficaz e duradoura. Quando o marido ainda vivia, Isabel contribuiu

¹³³ TEMPERINI, L. Espiritualidade penitencial franciscana nas fontes elisabetinas, em Santa Isabel, penitente franciscana. In: Encontro Internacional de Estudos, 2007. **Atas** [...]. Roma, 2007. p. 120-121.

¹³⁴ M. JOHRI, OFM Cap., presidente da Conferência da Família Franciscana. **Carta em ocasião do oitavo centenário do nascimento de Santa Isabel a todas as irmãs e irmãos da família franciscana**. Roma, 17 de novembro de 2006.



com a fundação dos hospitais de *Eisenach* e *Gotha*. Depois, fundou o hospital de *Marburgo*, a obra predileta da sua viuvez. Para ter o cuidado dessas obras, instituiu uma fraternidade religiosa com as suas amigas e servas. Trabalhava com as próprias mãos: na cozinha, preparava a comida; no serviço, cuidava os indigentes hospitalizados, lavava os pratos e afastava quem queria impedi-la de trabalhar. Aprendeu a fiar a lã e costurar os vestidos para os pobres, para ganhar o próprio pão.

Temperini (2007), durante o Encontro Internacional, ao desenvolver o tema *Espiritualidade penitencial franciscana nas fontes elisabetianas dos Ducentos*, afirmou que o testemunho da história diz que “devemos reconhecer que o estilo de vida – feito oração alegre, pobreza rigorosa, jejum, trabalho e obras de misericórdia – corresponde perfeitamente ao projeto penitencial, traçado por Francisco de Assis para os seus penitentes”¹³⁵.

4.2.3 Caridade instancável¹³⁶

Certo dia, enquanto Isabel encontrava-se com a sogra e o marido, no castelo de *Neuenburg*, apresentou-se um leproso. Ela o lavou, enfaixou as feridas e o colocou sobre o leito matrimonial. Sabendo do acontecido, a sogra contou o fato ao filho. Furioso, ele se precipitou ao quarto nupcial, mas o Deus bom e misericordioso abriu-lhe os olhos da alma e, sobre a cama, não havia um leproso, mas Cristo crucificado!

No mesmo hospital, tinha um lugar reservado para as crianças órfãs e abandonadas. Por estas, nutria um particular afeto que externava com seus gestos maternos: dava-lhes brinquedos e doces e pegava-as no colo. Encontrava tempo também para socorrer os enfermos nas cabanas e barracas fora da cidade. Segundo Isabel, quem podia, devia trabalhar para tornar-se útil a todos os outros. Quando não tinha mais nada para dar, deu o que ainda tinha no seu guarda-roupa. Lehmann (2007), ao concluir

¹³⁵ TEMPERINI, L. *Espiritualidade penitencial franciscana nas fontes elisabetinas*, em Santa Isabel, penitente franciscana. In: Encontro Internacional de Estudos, 2007. **Atas** [...]. Roma, 2007. p. 122.

¹³⁶ CADDERI, C. A. **Santa Elisabetta d’Ungheria**. Assisi: Edizioni Porziuncola, 2006.

a sua palestra *A Ordem da Penitência de São Francisco em Turíngia, no tempo de Santa Isabel – uma santa acima dos partidos*, no Encontro Internacional de estudos, no oitavo centenário do nascimento de Santa Isabel, realizado em Roma, em 23 e 24 de fevereiro de 2007, falou:

Santa Isabel, pela sua caridade pertence a todos, e pela sua humildade está acima dos partidos. É uma santa do coração que não exclui ninguém. Além do mais, é proveniente do coração da Europa. Pelo seu culto difundido em toda a Europa e duradouro até hoje, Isabel pode ser definida, conforme Mathias Werner, “uma santa europeia do XIII século”. Com a sua caridade lança uma ponte entre a Hungria e Alemanha, com os seus ideais une as melhores forças de uma Europa cristã¹³⁷.

¹³⁷ LEHMANN, L. *A Ordem da penitência de São Francisco em Turíngia*. In: Encontro Internacional de Estudos, 2007, Roma. **Atas** [...]. Roma: [s. n], 2007. p. 205.



Oração a Santa Isabel Da Hungria



*Ó Deus, que destes a Santa Isabel da Hungria
reconhecer e venerar o Cristo nos pobres,
concedei-nos, por sua intercessão, servir os pobres
e aflitos com incansável caridade. Por nosso Senhor
Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.*

Amém!

Considerações Finais

Repensar o tema da Penitência e Caridade na Terceira Ordem Franciscana (TOF), à luz da espiritualidade franciscana, torna-se um imperativo para aprofundar uma temática tão importante e tão valiosa para Francisco de Assis e seus seguidores, de ontem e de hoje, cuja compreensão sobre os valores, considerados pilares da espiritualidade da TOF, emerge com enorme clareza.

Ao tratar sobre os extraordinários valores evangélicos da Penitência e Caridade, é perceptível a força que eles têm no mundo cristão e, mais ainda, no âmbito religioso, seja pela presença constante no mundo bíblico, Antigo e Novo Testamento, seja na Igreja primitiva do universo franciscano. O processo histórico dessas palavras ganha dimensões novas na aplicabilidade cotidiana. Francisco de Assis buscou, nessa mesma fonte, a vivência, de forma tão singular, desses valores e lhes deu novo significado. Na caridade, entendida e expressa como sinônimo de amor, reconhecemos a dimensão fraternal do termo, a capacidade de amar, acolher e perdoar. Isso conduz a pessoa ao cerne de si mesma em um processo de constante conversão, capaz de ser de Deus e estar com Ele sempre.

Ao conhecer mais de perto a Terceira Ordem Regular e Secular, originalmente um grupo único, tomamos consciência do papel que cada um deles teve ao longo da história. Ao se desenvolverem na sociedade, ambos se apropriaram de uma consciência clara e firme da sua origem em Francisco e, por isso, a trajetória própria de cada uma dessas Instituições tornou-se intensa e plena de significado. No ano de 1978, a Terceira Ordem Secular (TOS), após passar por um processo de atualização (*aggiornamento*), com a aprovação da nova Regra, passou a denominar-se Ordem Franciscana Secular (OFS).

Cabe, antes de tudo, aos membros da TOR e OFS manter viva a própria espiritualidade, vivenciando os valores inerentes ao seu carisma, para exprimir a sua autêntica vocação em cada época. Chamado a ser fiel à sua origem, cada um dos dois movimentos responde aos apelos do Senhor, servindo onde emergem necessidades urgentes, com o coração em constante conversão e caridade.

Santa Isabel da Hungria, incansável na vivência da penitência e da caridade, mostrou um caminho novo, possível, pleno de Deus e cheio de amor ao próximo, trazendo a marca, quase invisível, entre o ser “mulher desposada” e “religiosa consagrada”. No seu matrimônio, ela reconheceu um espaço de fidelidade a Deus e aos irmãos, viveu penitente e caridosa, deu o exemplo de que o estado de vida é importante, mas o essencial está no modo de vivê-lo. Santa Isabel da Hungria, padroeira da Terceira Ordem Franciscana, primícias da santidade dos Penitentes Franciscanos, com São Francisco e Santo Antônio, está entre os três primeiros franciscanos proclamados santos pela Igreja. Isabel, a santa dos pobres, doentes e necessitados, hoje, mais do que nunca, é modelo vivo de autêntica prática da **penitência** e **caridade**.

Com essa expectativa, esperamos que cada leitor, amante da vida e da espiritualidade franciscana, tenha encontrado nestas páginas um caminho progressivo de constante mudança de vida, experiência renovada em Deus e vivência plena no Seu amor. A espiritualidade penitencial e caritativa, antes de tudo, é um apelo primordialmente evangélico a ser vivido. É um chamado de seguimento a Cristo no mundo, de forma desapegada e livre, para uma autêntica vivência no amor. Não nos esqueçamos de que, com Francisco de Assis, a todo momento, é preciso recomeçar, abraçar o caminho da penitência e amar as criaturas de todo o coração e dizer com coragem: “Meus irmãos, comecemos a servir ao Senhor, porque até agora bem pouco ou nada fizemos.”

Referências Bibliográficas

BÍBLIA sagrada: edição pastoral. 29. ed. São Paulo: Paulus, 1999.

CADDERI, C. A. **Santa Elisabetta d'Ungheria**. Assisi: Edizioni Porziuncola, 2006.

CAROLI, E. (org.) **Dizionario francescano**. 2. ed. Padova: Edizioni Messaggero, 2002.

CAROLI, E. **Fonti francescane**. Padova: Editrici Francescane, 2004.

DOCUMENTOS do Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações. Petrópolis: Vozes, 1966. Edição Bilingue.

FONTES Franciscanas e São Francisco de Assis. 4. ed. Braga: Editora Franciscana, 2017.

FONTI Francescane. 3. ed. Padova: Editrici Francescane, 2011.

FRIES, H. **Dizionario teologico**. 2. ed. Brescia: [s. n.], 1968. 2 v.

GUY BOUGEROL, J. **Dizionario francescano**. Padova: [s. n.], 1995.

IRIARTE, L. **Storia del francescanesimo**. Roma: [s. n.], 1994.

JOHRI, M. **Conferenza della famiglia francescana**: lettera in occasione dell'ottavo centenario della nascita di santa Elisabetta a tutte le sorelle e fratelli della famiglia francescana. Roma: [s. n.], 2006.

LA BIBBIA di Gerusalemme. A cura di un gruppo di biblisti italiani sotto la direzione di F. VATTIONI. 17. ed. Bolonha: Edizioni Dehoniane Bologna, 2000.

LEHMANN, L. A Ordem da Penitência de São Francisco em Turingia. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS, 2007, Roma. **Atas** [...]. Roma: [s. n.], 2007.

NIES, M. Santa Elisabetta di Turingia. **Propositum**. Revista da Conferência Franciscana Internacional da TOR, v. 9, n. 1, 2006.

NÚÑEZ, M. C. **Ecologia franciscana**: raízes da Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco. Braga: Editora Franciscana, 2016.

PIEPER, L. Santa Isabel da Hungria penitente franciscana nas fontes do XIII século, em Santa Isabel, penitente franciscana. *In*: Encontro Internacional de Estudos, 2007, Roma. **Atas** [...]. Roma: [s. n.], 2007. p. 44-45.

PRIAMO, E. **Iuridica franciscana**: percorsi monografici di storia della legislazione dei tre Ordini francescani. Padova: Edizioni Messaggero, 2005.

RAHNER, K.; VORGRIMLER, H. **Dizionario di teologia**. Edizione italiana. A cura di G. Ghiberti e G. Ferretti, traduzione di G. Ferretti; A. Frioli; G. Ghiberti. Roma: [s. n.], 1968.

REGOLA, Costituzioni Generali, Rituale Dell'ordine Franceseano Secolare. Roma: [s. n.], 2001.

REGOLA e vita dei fratelli e delle sorelle del terzo ordine regolare di San Francesco. A cura della Presidenza del Movimento Religiose Franceseane. Bologna: [s. n.], 1982.



REGRA e vida dos irmãos e das irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco. [s. n.: s. l.], [1984?].

SCOCCA, F.; TEMPERINI, L. (org.) **Santa Elisabetta penitente francescana:** atti del Convegno Internazionale di Studi nell'ottavo centenario della nascita di Santa Elisabetta d'Ungheria, principessa di Turingia. Roma: [s. n.], 2007.

TEIXEIRA, C. M. (org.). **Fontes franciscanas e clarianas.** Petrópolis: Vozes, 2004.

TEMPERINI, L. **Dizionario francescano.** Padova: [s. n.], 1995.

TEMPERINI, L. Espiritualidade penitencial franciscana nas fontes elisabetinas, em Santa Isabel, penitente franciscana. *In:* Encontro Internacional de Estudos, 2007. **Atas** [...]. Roma, 2007.

TEMPERINI, L. **Francesco d'Assisi:** Cronistoria Psicologia Itinerario spirituale. Torino: Neos Edizioni, 2012. Premio "Marchio di qualità 2013" nel Simposio Internazionale del libro a Torino.

TEMPERINI, L. **Fratelli e sorelle della penitenza:** il Terzo Ordine di San Francesco Secolare e Regolare nelle origini storiche. 8. ed. Roma: [s. n.], 2006.

TEMPERINI, L. **Il Terzo Ordine Regolare di San Francesco d'Assisi, detto della penitenza, in Italia francescana.** [s. l.: s. n.], 2002.

TEMPERINI, L. **Santa Elisabetta d'Ungheria nelle fonti storiche del Duecento.** Padova: [s. n.], 2008. p. 1-692. Manoscritti inediti, biografia, spiritualità.



TEMPERINI, L. **Siamo Penitenti di Assisi**: dal movimento penitenziale all'esperienza francescana. 7. ed. Roma: [s. n.], 2001.

TEMPERINI, L. Spiritualità penitenziale francescana nelle fonti elisabettiane del Duecento – Strategie della perfezione. *In*: **Santa Elisabetta d'Ungheria penitente francescana**: Atti del Convegno internazionale di studi nell'ottavo centenario della nascita di Santa Elisabetta d'Ungheria, Principessa di Turingia. A cura di F. Scocca e L. Temperini. Roma: [s. n.] 2007. p. 111-113.





Impressão

Gráfica Pallotti

Papel da Capa

Supremo 300g

Papel do Miolo

Pólen Soft 80g

Tipografia

Jules Colossal | Segoe UI

Tiragem

1000 exemplares



Dirce Margarida Limberger nasceu no Distrito de Princesa, São José do Cedro, SC, hoje, Linha Jatobá, município de Princesa, SC. É irmã franciscana da Penitência e Caridade Cristã e pertence à Província do Imaculado Coração de Maria, com sede em Santa Maria, RS, Brasil. Formada em Letras, Português/Inglês, pela UNICRUZ, Cruz Alta, RS, aperfeiçoou o inglês na *Emily Griffith Technical College – Language Learning Center* e na *Community College*, em Denver, CO, EUA, durante dois anos, em cuja arquidiocese realizou estudos Bíblicos. Fez o curso de Especialização em Inglês nas Faculdades Franciscanas, hoje UFN, em Santa Maria, RS. Realizou, na Pontifícia Universidade *Antonianum*, em Roma, o Curso de Espiritualidade Franciscana, de onde tem origem a presente Obra.

Quanto à sua experiência profissional, exerceu a docência em escolas de ensino fundamental e médio da Província e na Universidade Franciscana (UFN). Tem experiência em atividades formativas e catequéticas e atuou como secretária e Primeira Conselheira Provincial. Atualmente, é Primeira Conselheira Geral, segundo mandato, e Secretária Geral, há 17 anos, na Sede Geral, em Roma. Com essa valorosa experiência, tem ampla oportunidade de servir à Congregação, hoje presente em doze países, sob o carisma *Confiar na bondade e providência de Deus, reverenciar toda Criação, viver o Evangelho em nosso tempo, como São Francisco de Assis e Madre Madalena Damen*.

ISBN: 978-85-5852-122-8



9 788558 521228



A Terceira Ordem Franciscana nasceu do testemunho e da pregação itinerante de São Francisco, a partir de 1208. Homens e mulheres queriam viver o Evangelho com maior empenho, como o *Poverello* de Assis. Foram chamados de “Penitentes Franciscanos” da Terceira Ordem Franciscana. Esse projeto carismático envolveu muitas pessoas de boa vontade, desejosas de fazer sempre mais e melhores coisas sob a orientação de São Francisco. Assim, atestaram os primeiros biógrafos. Presenciando tão grande entusiasmo e sob a proteção do Senhor, Francisco decidiu fundar a Terceira Ordem para seus irmãos e irmãs penitentes. O Santo ofereceu-lhes um projeto de vida espiritual na primeira *Carta aos fiéis*, primeira parte: *Dos que fazem penitência*, no ano de 1215.

Os penitentes franciscanos (ou terciários) eram muito numerosos e difundidos por toda parte. Era preciso organizar esse movimento de forma espontânea e orientá-los com uma regra canônica. Em 20 de maio de 1221, Francisco e o cardeal Ugolino (futuro Papa Gregório IX) propuseram uma síntese de normas eclesiais para a vida penitencial no *Memoriale propositi* (regra antiga). O movimento espontâneo dos penitentes franciscanos, iniciado timidamente a partir de 1208, e decidido pelo *Poverello* de Assis, em 1211, inspirado na Carta aos fiéis, de 1215, torna-se **Ordem** em 1221.

No final do século, o Papa Nicolau IV - com as bulas *Supra montem*, de 1289, *Unigenitus Dei Filius*, de 1290, e *Ad audientiam nostram*, de 1291, confirmou o *Memoriale propositi*, de 1221, como a regra oficial da Terceira Ordem Franciscana, declarando que esta regra é obra de São Francisco e que os terciários são filhos do mesmo pai (S. Francisco).

Pe. Lino Temperini, TOR